

P A Voz | de **A** **Paço de Arcos**



**PINTOR
JAIME SILVA**

**“A grande lição da ARTE
é a LIBERDADE”**

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DA VILA DE PAÇO DE ARCOS E DAS LOCALIDADES CIRCUNDANTES
FUNDADO EM 1979 POR ARMANDO GARCIA, JOAQUIM COUTINHO E VÍTOR FARIA

Diretor: José Manuel Marreiro | Bimestral | N.º 64, Abril de 2026 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ESTATUTO EDITORIAL

1 – A VPA é um jornal bimestral de informação geral na área da cultura e da língua portuguesa, em particular na defesa dos interesses dos habitantes da vila de Paço de Arcos e das localidades circundantes.

2 – A VPA pretende valorizar todas as formas de criação e os próprios criadores, divulgando as suas obras.

3 – A VPA defende todas as liberdades, em particular as de informação, expressão e criação. Ao mesmo tempo, afirma-se independente de quaisquer forças económicas e políticas, grupos, lóbis, orientações, e pretende contribuir para uma visão humanista do mundo, para a capacidade de diálogo e o espírito crítico dos seus leitores.

4 – A VPA recusa quaisquer formas de elitismo e visa compatibilizar a qualidade com a divulgação, para levar a informação e a cultura ao maior número possível de pessoas.



Capa: Pintor Jaime Silva, S/Título, Acrílico, 81x100 cm, 2017, foto de José Mendonça

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”

Sede: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Direção: Presidente - José M. R. Marreiro
Tesoureiro - Cândido Vintém
Vogal - Roberta Siqueira
Secretário - Nelson Carvalho da Silva
Vogal - Miguel Marreiro

Redação: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

E-mail: avozpacoarcos@gmail.com

N.I.F. - 513600493 | E.R.C. nº 126726

Depósito Legal: 61244/92

Diretor: José M. R. Marreiro

Coord. Edição Online: Renato Batisteli Pinto

Coord. entrevistas e poesia: Margarida Almeida

Editor: Jorge Chichorro Rodrigues

E-mail: jchichorro@avozdepacodearcos.org

Sede do Editor: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Revisão e coordenação editorial: Luís Amorim

E-mail: luisamorimeditons@gmail.com

Impressão: www.artipol.net

Sede do impressor: Rua da Barrosinha, n.º 160
| Barrosinha Apartado 3051 |
3750-742 Segadães, Águeda Portugal

Colaboradores: Ana Tavares; António dos Santos; Carlos Albuquerque; Carlos Aguiar; Catulina Guerreiro; Eduardo Barata; Graça Patrão; Isabel Barata; Joaquim Bispo; José Lança-Coelho; Jorge Castro; Jorge C. Rodrigues; Jorge Golias; José Marreiro; Luís Álvares; Luís Amorim; Margarida Almeida; Maria Luz; Paulo Ferreira; Sofia Tûma; Manuel Favita e Tiago Miranda

Fotografia: Ana Araújo; António Passaporte; Joana Oliveira; Jorge Golias; Luís Amorim; José Mendonça; Roberto Santandreu e Rui de Carvalho

Capa: Pintor Jaime Silva, S/Título, Acrílico, 81x100 cm, 2017, foto de José Mendonça

Paginação: Andreia Pereira

Tiragem: 1500 exemplares

Online: avozdepacodearcos.org

E-mail: info@avozdepacodearcos.org

facebook.com/vozdapacodearcos

Publicidade: josemarreiro@gmail.com

Tel.: 919 071 841 (José Marreiro)

Diretor Honorário: José Serrão de Faria
Subdiretora Honorária: Maria Aguiar



Na anterior edição do jornal, foi entrevistado o Presidente da Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”, José Mar-

reiro. Agora, o entrevistado é Jaime Silva, Presidente da Assembleia Geral, e nas futuras edições, continuaremos a entrevistar membros da associação e do jornal.

Nesta edição, é impossível dissociarmos do simbolismo de abril e das memórias deste mês tão marcante, para nós portugueses. Por todo o concelho de Oeiras, multiplicaram-se os eventos alusivos ao 25 de abril. Podemos aqui referir três concertos, no Auditório Municipal Ruy de Carvalho, de Máximo, que apresentou PAN-GEA (projeto de piano e artes visuais), Gisela João, que subiu ao palco para dar o concerto INQUIETA, e Sérgio Godinho, que presenteou o público com LIBERDADE25, canções que têm como fundo esse valor primordial que é a liberdade. Outro espetáculo que abrilhantou o cartaz de abril, em Oeiras, foi a 10ª edição de SOAM AS GUITARRAS, em homenagem ao mestre António Chainho. Saliente-se também, a atribuição, por iniciativa da Câmara Municipal, do nome de Otelos Saraiva de Carvalho, um residente no concelho, estratega do 25 de abril, a uma rotunda junto à Biblioteca Municipal de Oeiras. Na habitual Assembleia Municipal, prestou-se homenagem a antigos autarcas.

Refira-se que, no dia 7 de junho, dia do município, realizar-se-ão cerimónias alusivas ao aniversário do concelho, destacando-se a inauguração do monumento de homenagem aos presos políticos que

passaram pelas prisões de Caxias. Este monumento, é constituído por um painel de azulejos de 20x6, da autoria da pintora transmontana Graça Morais, que inclui também o memorial onde estão gravados os nomes dos 10.000 presos políticos.

Está a decorrer com assinalável êxito o ciclo “Cinema do Século XXI”, nos Auditórios Maestro César Batalha (semanalmente) e José de Castro (mensalmente). Muito público tem acorrido às sessões de filmes, da história do cinema, enchendo as salas e aplaudindo no fim de cada exibição. Também continuam a ter uma boa receptividade, por parte da população, as Mostras de Arte - Feira do Livro e Galeria de Arte, com os Criativos Independentes, nos mercados de Paço de Arcos e de Oeiras.

A Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos” completa o 11º aniversário da sua constituição, no próximo dia 23 de junho, e o jornal estará a completar 47 anos de existência. Estes aniversários serão assinalados com um programa cultural que incluirá uma visita ao Museu Nacional da Música, no Palácio de Mafra, e uma exposição de homenagem ao artista de Paço de Arcos, António Martinez, que foi colaborador do nosso jornal. Por fim, refira-se uma exposição de pintura que se realizará no Forte de São Bruno, em colaboração com a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, com pinturas de Ana Briz, Maria de Abreu Morais e Emília Gomes da Costa, com momentos de música e de poesia, além de uma conferência do pintor Jaime Silva, o entrevistado nesta edição do jornal.

Jorge Chichorro Rodrigues

Do Forte de S. Bruno, Praia de Caxias ao Centro histórico de Paço de Arcos



Hoje, vamos iniciar os nossos Caminhos no Forte de S. Bruno, praia de Caxias.

O Forte de S. Bruno, assim chamado em homenagem a S. Bruno, fundador da Ordem dos Cartuxos, com Mosteiro em Laveiras, faz parte do sistema de defesa do Rio Tejo, composto por várias fortes, e fortalezas, o maior sistema defensivo de uma barra, do Mundo.

Mas, sobre a importância histórica do Forte de S. Bruno falaremos, oportunamente, por hoje vamos falar da atualidade. Entregue, pela CMO, à Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos (APAC), aqui são desenvolvidas atividades educativas, que fazem parte do programa da CMO, “Oeiras Educa”, que proporciona visitas aos alunos e onde são ministradas aulas alusivas aos Descobrimentos Portugueses.



Após terem terminado as tarefas de defesa, foi quartel da Guarda Fiscal, e até ao 25.4.74, foi utilizado pela Mocidade Portuguesa para atividades ligadas ao rio e ao campo, seguindo-se um breve período em que funcionou como Pousada da Juventude. Com a abertura da Pousada no Forte de

Catalazete, o Forte de S. Bruno ficou sem utilização e entregue ao abandono pelo que se degradou.

Com a entrega à CMO, foi recuperado o seu projeto original, sem a camarata que havia sido construída posteriormente, mas com um muro em vez das canhoeirias que antes dispunha.

Posteriormente, como se diz atrás, foi entregue à APAC, que o mantém ao serviço da educação e da cultura. Para além das já referidas visitas de estudo, aqui decorrem atividades culturais, tais como, exposições, tertúlias, colóquios, conferências, concertos e afins. A Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”, orgulha-se de ser parceira nalgumas dessas atividades, abertas a toda a população.

A falta de segurança, o vandalismo e a proximidade do mar são aspetos que contribuem para a degradação rápida das me-



lhorias que têm sido introduzidas, assim como da estrutura do próprio edifício, pelo que estão previstas novas obras de recuperação a cargo da CMO. Fazemos votos que não tardem.

Pomo-nos ao caminho e logo nos deparamos com uma obra de modernização do restaurante conhecido pelo “Golfinho”, devido à presença da peça escultórica que representa um golfinho, da autoria de Luís Vieira Baptista, recentemente falecido, e de Gustavo Fernandes.

A remodelação referida vem na sequência de ter havido mudança de explorador do espaço, após concurso, que isso exigia. Assim, vamos ter um espaço moderno e que vai integrar a cadeia da marca Olivier.

Subimos à Marginal, apreciamos o vasto



areal da Praia do Lagoal, entramos no túnel de acesso e verificamos que é urgente uma intervenção no teto, na instalação elétrica e



na colocação de novos duches. Mais uma vez a presença da água salgada e do vandalismo, a fazer deteriorar o equipamento, o que requer intervenções sucessivas para que a população possa desfrutar do espaço nas devidas condições.

Como apoio à praia, temos as instalações sanitárias, balneário ao serviço dos nadadores de águas profundas, que aqui fazem a sua preparação, o bar, cuja exploração está a ser negociada pela UFOPAC, à data, e no outro lado do parque de estacionamento, temos as oficinas de automóveis da Auto Caxiense, Lda., a “Mercedes de Caxias”.



Prosseguimos pela Estrada da Gibalta, junto à histórica Quinta do Lagoal, onde temos 3 vivendas, tendo uma delas sido a sede da instituição de solidariedade social, “A Junção do Bem”, que posteriormente se transferiu para Oeiras, para a Quinta Vale do Rio.

Foi aqui que viveu os seus últimos dias, e faleceu, o grande artista Jorge Colaço.



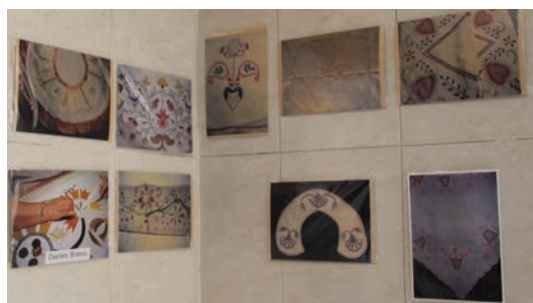
Daqui, partimos para Paço de Arcos e logo no início da Avenida Salvador Allende, somos surpreendidos por uma situação estranha. O trânsito está proibido pela Polícia Municipal, com a indicação de haver um desvio, pelas ruas tortuosas dos bairros, de cerca 2 kms para regressar à mesma via 200 a 300 metros mais à frente. Surpreendentemente a razão de tal proibição é que no quintal duma vivenda, o temporal deslocou um pano do muro que está preso em cima da vedação de madeira, que dá para o passeio da rua, o que pode ser perigoso para quem lá passe a pé ou até de carro.



Parece-nos que seria mais racional encontrar uma solução com o proprietário do que obrigar centenas de viaturas, diariamente, a fazer aqueles kms, a gastar combustível e tempo, que é sempre precioso, claro que, sendo o risco diminuto, com as condições climáticas atuais, para quem conheça a razão de tal desvio, não o faz, avançando e contrariando as indicações, saindo

da mão para contornar as baías ali colocadas. Muitos condutores o fazem, até em serviço da CMO. Dá que pensar, lá isso dá.

Continuamos, e chegamos ao Centro Histórico de Paço de Arcos, onde começamos por visitar a exposição de fotografia de kamosawa keiko, que está patente na “Leitaria Marginal”, e que recomendamos aos nossos leitores que a visitem, pois vale a pena.



Seguimos para junto da Marginal e visitamos o restaurante “Intemporal,” que recentemente mudou de *Chef*, pelo que é de visitar, mesmo quem já conhece, pois novo *Chef*, novo conceito, mas sempre no mais alto patamar da rica oferta da zona.

Chegamos à Praça da antiga Lota, onde as estátuas de Rui de Carvalho e de Eunice Muñoz dominam, em frente à esplanada do “Astrolábio”, do “Yuzu Sushi Bar”, e nas traseiras do “Carula” e o “DarUMa” (ex-restaurant Arcos).

Registamos que mais um prédio, há mui-



Estamos na rua principal, a Rua Costa Pinto, onde a esplanada do famoso restaurante “Casa Galega”, dá um forte contributo para a sua boa aparência, bonitos chapéus, mesas e cadeiras, mas com destaque para as bem escolhidas plantas.



to tempo devoluto, está a sofrer obras de recuperação, o que se saúda, são mais algumas residências para o Centro Histórico contribuindo para o seu rejuvenescimento.

Não terminamos sem que façamos uma referência a uma obra municipal recente, no cimo da Rua Patrão Lopes, que colocou uma ilha de recolha de produtos recicláveis, em frente às montras e junto à entrada duma garagem de recolha de carros, o que não nos parece o mais adequado, já que seria possível deslocar umas dezenas de metros e evitar os transtornos que assim podem surgir. Isto somos nós, e os residentes a falar. Que aspetos técnicos terão levado a optar por esta solução? Se é que os houve.

Só falta despedir-nos, e marcar novo encontro para daqui a dois meses, nos “Caminhos” do nº65 de “A Voz de Paço de Arcos”.

*Texto: José Marreiro
Fotografia: José Mendonça*

Pintor Jaime Silva - A Pesquisa Permanente

Nasceu em 1947 no Peso da Régua, Região do Alto Douro Vinhateiro, em 2001 classificada pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade.

Referência incontornável na história da pintura contemporânea portuguesa, a sua obra cruza pesquisa formal com permanente questionamento e reflexão.

Licenciado em Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto/E.S.B.A.P. (1973) é, há 40 anos, Professor responsável do Curso de Pintura da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa/SNBA.

É vice-Presidente da Direcção da SNBA e membro da Academia Nacional de Belas-Artes.

Reconhecido pelo seu percurso sólido e coerente e pela qualidade da sua obra multifacetada, o Pintor Jaime Silva é um nome prestigiado no universo cultural português sendo, na opinião do crítico e historiador de Arte, Rui Mário Gonçalves, um dos 100 Pintores mais relevantes do Século XX.

A sua carreira de cinco décadas atravessa gerações, sempre a criar, a expor, a

formar milhares de alunos; cinco décadas de uma intensa actividade em que pintura e ensino se cruzam.

O Pintor Jaime Silva é um dos membros fundadores da Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”, proprietária do nosso Jornal e defende com convicção o papel relevante que cabe à imprensa local.

Vamos hoje falar com um homem do Douro, profundo, sereno e reflexivo.

AVPA – Viveu os anos da primeira infância na vila onde nasceu, Peso da Régua. As memórias de criança, a família, os amigos, as ruas que calcorreou ocupam um lugar central na sua vida?



Foto: Roberto Santandreu. 1984 - Jaime Silva no atelier da Rua de S.Paulo, Lisboa.

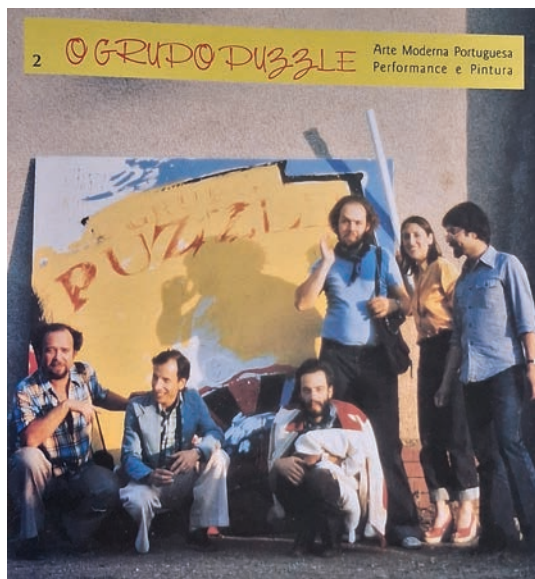


Foto: Galeria Moderna/Grupo PUZZLE, Belém, 25 de Abril de 1975

JS – Sim, absolutamente! Nasci no centro da vila, no adro do Cruzeiro, a dois passos da Igreja e da casa da Real Companhia Velha. Aquele era o meu mundo, num tempo em que a Régua era apenas uma rua comprida, a Rua dos Camilos; de um lado ficava o Café Imperial, frequentado por velhos republicanos; do outro lado ficava o Café Nacional, reduto dos monárquicos. Pela tardinha, acompanhava o meu Pai no seu regresso a casa, percurso que incluía obrigatoriamente uma paragem num ponto de encontro com os meus tios e amigos.

Revisito o tempo único da infância após um interregno de alguns anos, reconheço as pessoas, reconheço as casas, conheço a cor das portas; quando regresso é como se vivesse um tempo de fantasmas, mas logo recupero. Mantenho os amigos de então: encontramos-nos, sabemos uns dos outros, visito a família, os primos.

Neste reencontro *pacificador* com o passado foi fundamental a ligação com o Museu do Douro, uma referência nacional e regional, com 75.000 visitantes anuais. Voltado para o Douro, ocupa a antiga casa da Real Companhia Velha, inteligentemente recuperada.

Fiz recentemente uma doação ao Museu do Douro, ao qual tenciono doar mais peças; em 2023, ali realizei a exposição “Casa das Palavras”. No AUDIR, Auditório Municipal do Peso da Régua, expus arte “Linhas e Sombras / registo e transcrição”.

AVPA - Sobre o significado desta exposição para o reguense Jaime Silva transcrevemos, do Catálogo respectivo, excertos das palavras do Director do referido Museu, Fernando Seara:

“No título “Casa das Palavras” está toda a imagética da infância. A infância é feita de palavras de histórias e de cor. Uma casa sem palavras é uma casa habitada de solidão. Por isso as “casas” de Jaime Silva são explosão de cor, de imagens e memórias (...) Existe na obra do Pintor Jaime Silva uma sensibilidade que nos atrai. Mais do que o olhar, são os sentidos todos, que nos obrigam a uma paragem, como se houvesse uma voz que em surdina, nos segredasse o que aflige todas as almas.

(...) Jaime Silva é um duriense, que prestigia a Região através da sua obra e da sua generosidade, deixando para todos os visitantes do Museu uma oferta de raro valor”.

JS – Era miúdo, teria oito, nove anos quando fui estudar para o Porto. Foi

uma cisão brutal, teve grande impacto em mim: deixar os amigos, os meus espaços, encetar laços de amizade, adaptar-me a uma nova realidade... Entre a Régua e o Porto perdi amigos, ganhei outros.

No Porto, onde frequentei o Liceu Alexandre Herculano, muitos dos meus amigos estavam interessados nas áreas da literatura e da filosofia.

Pesquisei-me entre as leituras, a música e o saber de arquitetura; acabei por perceber que a pintura estava em mim desde sempre, a pintura e as reflexões que esta pretende fazer, uma vez que a pintura é reflexão sobre o próprio acto de pintar.

AVPA – Os seus pais aceitaram pacificamente esta sua opção e a incerteza que poderia trazer à sua vida?

JS – Fiz várias tentativas de emprego, mas não seria esse o meu caminho. Consegui convencê-los com a ajuda de dois primos que eles consideravam: um arquiteto, um outro, padre.

AVPA – O gosto pelo desenho nasceu consigo ou foi influenciado por alguém? Era um miúdo de lápis e caderno em punho, sempre pronto a desenhar?

JS – Entre os desenhos de miúdo e, os que fiz mais tarde, há uma diferença brutal. O meu padrinho tinha grande facilidade em desenhar, ficava impressionado a observá-lo. Ele fez formação em pintura com um pintor com obra feita, também historiador e poeta. Entre os seus trabalhos que guardo, destaco um óleo sobre chapa



Bienal do Montijo - Homenagem ao Pintor João Vieira

pintado quando teria dez, onze anos.

AVPA – É licenciado em pintura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto/ESBAP...

JS – Ingressei no curso em 1966/67, comigo entraram a Gracinda Candeias, o Carlos Carreiro e, um pouco mais tarde, a Graça Morais, com quem viria a casar. Gostei do curso, tive professores excelentes, como o Armando Alves, o Ângelo de Sousa (a quem agradecerei sempre as conversas estimulantes e as irreverentes exposições individuais), o Pintor Júlio Resende e os artistas do conhecido Grupo dos Quatro Vintes (além de Ângelo de Sousa e de Armando Alves já referidos, Jorge Pinheiro e José Rodrigues, todos formados na ESBAP com vinte valores!).

Ao lado da Escola ficava um café *sui generis*, muito frequentado por alunos e por nomes hoje consagrados; ali conheci, entre muitos outros, Siza Vieira e a mulher. O ambiente do ensino de Belas-Artes no Porto era muito mais aberto do que o de Lisboa que criou graves problemas a alguns alunos.



Foto de Museu do Douro - Exposição “Casa das Palavras”

No último ano do curso, adiei uma cadeira teórica para a segunda época, decisão que implicou o meu recrutamento para o serviço militar obrigatório. Foram quatro anos, mas tive a sorte de não ser mobilizado para a guerra colonial.

AVPA – Foi membro fundador do Grupo Puzzle (1976/1981), um projecto inovador e transgressor do *establishment*. Consigo estiveram Graça Morais, Dário Alves, Armando Azevedo, Carlos Carreiro, João Dixo, Albuquerque Mendes, Fernando Pinto Coelho, Pedro Rocha, Gerardo Burmester e o crítico de arte, Egídio Álvaro.

JS – Sim, o Egídio não pintava, era um dos nossos mentores, tinha uma visão aberta em relação à prática contemporânea das artes e às situações de manifestações públicas.

AVPA – A ideia da pintura colectiva em modo de Puzzle é fascinante!

JS - Sim, claro! Cada um pintava uma parte do todo previamente definido, a obra final resultava da soma das partes. Éramos um colectivo de artistas; o grupo incluía gente de Belas-Artes, um jovem arquitecto, dois *performers*. Havia uma mulher, a Graça Morais. Mais tarde, a Fundação Gulbenkian adquiriu uma bandeira nacional executada pelo Grupo que, por vezes, está em exposição.

Reuníamos, discutíamos o que pretendíamos fazer, marcávamos as áreas a pintar por cada um de nós como se de um puzzle se tratasse. Levámos ao país os “Encontros de Arte”, uma iniciativa muito participada, alargada a artistas estrangeiros; todos queríamos revitalizar a arte. Houve sessões públicas que chegaram a contar com duzentos participantes e nós, jovens artistas, a responder a um público sedento de saber. Momentos de criação e de comunhão irrepetíveis! O Nadir Afonso e o Artur Bual apareciam e reflectiam sobre o que se passava. Fazíamos performances públicas muito concorridas, talvez a nossa coroa de glória.

AVPA – “O Grupo Puzzle auto-dissolveu-se em 1980, depois de uma reunião extremamente animada. Deixará na arte Portuguesa uma presença impressionante”, afirmou Egídio Álvaro. Trouxeram, de facto, um novo olhar à relação arte-público?

JS – Diria que sim. Eu já saíra do grupo quando este participou na bienal de Paris, onde obtive um grande êxito! Há muitas obras públicas que são performances. Discutiui-se muito Arte, a Arte abriu-se às pessoas.

AVPA – Jovem Pintor, obtém uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para ir pintar para Paris. Transcrevemos excertos da sua “Carta para Laura Castro”, crítica e historiadora de arte, que dão uma ideia do potencial desses dias desafiantes (Catálogo da Exposição Antológica, realizada na Sociedade Nacional de Belas-Artes (Março/Abril 2013):

A estadia em Paris foi “(...) extremamente profícua a vários títulos”. “(...) O trabalho aturado, os resultados em catadupa, a formulação de pesquisa através de jornais e revistas (...). A clara percepção de um quotidiano fundado nos restos dos grandes mitos fundadores, a proliferação dos meios de comunicação de massas e a quase impossibilidade de comunicação/presença obcecante da imagem/a procura de sentidos para a existência/o direito a ser diferente e a conquista da felicidade.”

JS – Para efeitos de candidatura à bolsa, a Fundação Calouste Gulbenkian exigia cartas de recomendação; eu e a Graça recorremos a Júlio Resende, professor e amigo, a Egídio Álvaro e a um conhecido artista conceptual.

O projecto era pintar, desenvolver a pintura. Quando cheguei a Paris tinha acumulado uma carga de trabalho intenso: aulas simultâneas no ensino básico e secundário, reuniões no Sindicato dos Professores, fundação e dinamização do

Grupo Puzzle; estágio para professor, nascimento da minha filha! Ansiava por ver pintura e por pintar, pintar muito. O meu encanto foi o Louvre, que visitava quase diariamente para apreciar as suas extraordinárias exposições, as montagens soberbas e, naturalmente, o Centro Pompidou e galerias.

Havia uma diferença avassaladora em relação à diversidade de informação disponível em Portugal; revistas, livros sobre arte, cinema, teatro. Lia tudo. Pintei intensamente; os trabalhos realizados enquanto bolseiro, permitiram-me realizar uma exposição no Centro Cultural Português em Paris da F.C. Gulbenkian. No âmbito dos “Encontros de Arte” conheci gente das artes plásticas que residiam em Paris e com quem convívamos. Eduardo Arroio, um enorme pintor espanhol, Da Rocha, Alves, Michel Giroud, Eduardo Luís

A GRANDE LIÇÃO DA ARTE É A LIBERDADE

AVPA - A arte pode/deve ser neutra ou, pelo contrário, deve estar ao serviço das grandes causas da Humanidade como a Paz e a Liberdade?

JS – O mundo é vasto, os artistas são francamente diferentes. Essa classificação é redutora. A arte é sempre outra coisa, é sempre diferente, é mais aberta do que possa parecer à primeira vista.

Júlio Pomar aos vinte anos pintava magnificamente e era, talvez, o melhor pintor português, sendo que a sua arte era declaradamente revolucionária; o Nadir Afonso, pintor extraordinário, era outra coisa. A pintura neo-realista defende causas a que o Nadir e o Fernando

Lanhas não aderiram, mas não eram de direita e a sua pintura é valiosa. A arte não pode ser espartilhada; na verdade, nada é absolutamente neutro.

A grande lição da Arte é a liberdade, o que é uma causa enorme.

DOCÊNCIA & ARTE

AVPA – Docência e pintura são uma constante na sua vida e entrecruzam-se harmoniosamente: dos anos 70 do séc. XX aos anos vinte do séc. XXI....

JS – Sim, é verdade. Concluído o curso e o serviço militar, eu e a Graça fomos colocados em Guimarães, onde dei aulas no ensino básico e no secundário. Gostei muito de lá viver, Guimarães é uma cidade absolutamente deslumbrante e a minha filha mais velha nasceu lá.

Quando regressámos, viemos viver para Algés. Comecei a vida no concelho de Oeiras e aqui continuo, agora em Caxias. Dei aulas em Miraflores e numa escola na zona do Bairro da Graça. Depois, o Pintor Fernando Azevedo convidou-me para integrar a Direcção da SNBA, onde fiquei no período de 80/84.

No período do 1983/87 fui professor de pintura no AR.CO - Centro de Arte e Comunicação Visual, uma escola independente muito interessante.

Seguir-se-ia a SNBA, de 1987 até hoje, passaram quarenta anos...

AVPA - Formou milhares de jovens,



“Cinquenta anos de pintura” - Painel-oferta dos alunos da SNBA

teve o privilégio de conhecer os grandes actores da cultura e da pintura contemporânea portuguesa e as suas obras!

JS – Sim, na SNBA estabeleci uma ligação profunda com artistas absolutamente notáveis e personalidades como Rui Mário Gonçalves, Sílvia Chicó, Fernando Pernes, Emília Nadal, José de Guimarães, Nikias, Hogan, Virgílio Domingues, Maria Gabriel, entre tantos outros...

AVPA - Como vê as novas gerações?

JS – Diversificadas, com propósitos distintos e com vontade de fazer coisas inovadoras. Terei tido à volta de cinco mil alunos num decénio, alguns milhares aos longo das quatro décadas, apenas na SNBA. Muitos deles estão espalhados por diferentes áreas do país, onde dinamizam novos polos de pintura.

AVPA – Tem um vasto acervo artístico, o que pretende realizar com ele?



Foto de José Mendonça: Jaime Silva no seu atelier. (S/Título, Acrílico, 81x100 cm, 2017; S/Título, óleo s/tela, 1,16x89 cm, 1988)

JS – O meu olhar sobre a arte não tem uma perspectiva financeira, a arte não tem essa função; pensarei um dia no destino a dar à minha obra, o Museu do Douro poderá ser uma hipótese; criar uma fundação é também uma hipótese.

AVPA – Reside no concelho de Oeiras desde o final dos anos setenta. Actualmente está a desenvolver um projecto inovador no âmbito de uma Parceria SNBA-Taguspark.

JS – Sim, é verdade. Li num jornal regional uma intervenção do CEO do Taguspark, o Professor Eduardo Baptista Correia e apreciei as ideias dinâmicas explanadas; por isso decidi ir falar com ele. Expus-lhe um plano que possibilitaria que a SNBA desse ali aulas e ele achou a ideia interessante; nasciam assim as residências artísticas, uma parceria SNBA/Taguspark.

AVPA – Quais os objectivos da Parceria?

JS – A Parceria pretende facultar uma formação artística específica aos fre-

quentadores do Taguspark e permitir que os artistas, residentes temporários, trabalhem livremente sobre diferentes propostas. Cada residência dá lugar a uma exposição com os trabalhos desenvolvidos. Vamos já na quarta Residência Artística, realizaram-se três exposições. Com esta Parceria pretende-se trazer ao concelho a orientação da SNBA. Vamos iniciar brevemente um curso de fotografia com um conceituado Professor da SNBA, Carlos Carvalho.

AVPA – Expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro (Espanha, França, Holanda, Alemanha, Macau e Índia), é considerado um dos 100 pintores mais relevantes do século XX. Reside no concelho há cinco décadas e expôs uma única vez em Oeiras, no Palácio do Egipto, em 2013. (Exposição Antológica – Pintura/Desenho 1966-2011). Passaram treze anos, que é muito tempo: para quando o seu regresso a “casa”?

JS – Se surgir uma oportunidade, terei muito gosto em realizar uma exposição em Oeiras.

AVPA - Tantos anos dedicados à pintura: como definiria a sua trajectória artística?

JS – Numa aproximação aporética à Arte em geral, crio Obras que denotam versatilidade e espiritualidade, em meditada relação com o mundo do passado mitificado ao incerto presente. Gestos/Cor/Forma indiciam essa relação, solicitando a ativa participação do “leitor co-autor”.

Se o conceito de “des-construção” no âmbito literário faz sentido, cito ainda

para melhor entendimento a análise de Peter Halley: "La crise de la géométrie et autres essais, 1981-87" (sob a égide do pensamento de Baudrillard) e a problemática do contemporâneo, em Giorgio Agamben.

AVPA – A finalizar, pedia-lhe umas palavras sobre o Jornal "A Voz de Paço de Arcos".

JS - Considero o Dr. José Marreiro uma pessoa com uma compreensão natural sobre o que pode e deve ser estabelecido no contexto de uma comunidade alargada como a nossa, processo que exige a conciliação de boas vontades e de interesses múltiplos. "A Voz de Paço de Arcos" concorre para a valorização das populações, definindo parâmetros para os mais jovens.

AVPA – Muito obrigada, Pintor Jaime Silva, pela total disponibilidade para nos receber.

Biografia:

Jaime Silva (Peso da Régua, 1947) é licenciado em Pintura pela ESBAP (1973). Fundador do GRUPO PUZZLE (1975), foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris (1977-1978) e é Vice-presidente da Direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Expõe regularmente desde 1976, tendo integrado exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente em Espanha, França, Holanda, Alemanha e Índia. Recebeu, entre outros, os Prémios Aquisição de Pintura, Lagos'86 (Lagos, 1986), Aquisição de Desenho na III Exposição de

Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, (Lisboa, 1986), Prémio de Desenho na II Bienal de Escultura e Desenho (Caldas da Rainha, 1987). Em 1985, recebeu a Medalha de Mérito Municipal, atribuída pela Câmara Municipal de Peso da Régua.

A sua obra está representada em diversas colecções Públicas e Privadas em Portugal e no estrangeiro, entre as quais as patentes no Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian, na Caixa Geral de Depósitos – Culturgest, na Fundação de Serralves, Câmara Municipal de Guimarães, no Palácio Nacional da Ajuda, na Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, no Museu do Santuário de Fátima, no Tribunal da Relação do Porto e no Banco Luso-Espanhol, Madrid.

AVPA - Nota final: destacamos, dos autores que escreveram sobre Jaime Silva, os seguintes: Rui Mário Gonçalves, Eurico Gonçalves, Fernando de Azevedo, José-Augusto França, Cristina de Azevedo Tavares, Fernando Pernes, Nelson di Maggio, Mário Cláudio, José-Viale Moutinho, Margarida Marques Matias, Laura Castro, Sónia Melo Moura, João Moniz, José Manuel de Vasconcelos, Margarida Calado, Helena Mendes Pereira.

*Margarida Maria Almeida
(escreve de acordo com
a antiga ortografia)*

13 anos Trabalhando por você!

TOLDOS
MARTINS
toldos e coberturas em geral

Especialista em:

Toldos e Pérgolas

Pérgolas Bioclimáticas

Cortinas de Vidro

Telhados móveis e fixos

Estruturas Para Toldos

Prt para Janelas

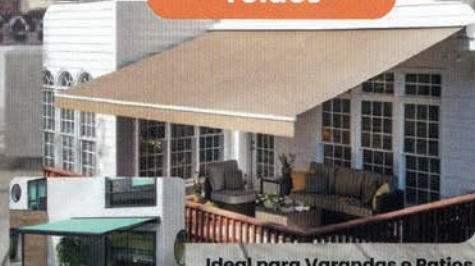
**Orçamento
Gratuito**

Pérgolas



Ideal para terraços e patios

Toldos



Ideal para Varandas e Patios

Região de Lisboa

☎ 212 489 717

☎ 934 881 038

Região de Porto

☎ 934 784 568

☎ 937 848 760

Contacte-nos!

📍 toldosmartins.com

✉ contacto@toldosmartins.com



A Toldos Martins utiliza em seus serviços os melhores materiais de altíssima qualidade e durabilidade.

Toldos Cofre



Ideal para terraços e patios

Prt para Janelas



ideal para janelas

Vertical com Janelas



ideal para conforto e proteção

Vertical



Ideal para telhados de vidro e Estruturas

Velas



Ideal para terraços e patios

Orçamento
Gratuito

Pergolado entrelaçado



Ideal para telhados de vidro e Estruturas

Cortina de Vidro



Ideal para terraços e patios

Coberturas



Ideal para terraços e pátios

Motorizamos e conectamos todas as áreas exteriores de convívio para que possa tirar o máximo partido das suas potencialidades.



Região de Lisboa

☎ 212 489 717

☎ 934 881 038

Região de Porto

☎ 934 784 568

☎ 937 848 760

Contacte-nos!

📧 toldosmartins.com

📧 contacto@toldosmartins.com

TOLDOS
MARTINS
toldos e coberturas em geral

No 200º Aniversário (1825-2025) de Camilo Castelo Branco

No 200º aniversário do nascimento do mais prolífico escritor português, achamos curioso recordar os inúmeros pseudónimos de que se serviu Camilo para assinar muitas das suas obras.

1 - «A.E.I.O.U.Y.» Camilo assinou com este pseudónimo a poesia *Desabafo*, publicada em *Miscelanea Poetica*, no *Jornal de Poesias* (Porto, 1852, p.32). Este poema faz parte da polémica que Camilo travou com D. Miguel Sottomayor e Azeredo.

2 - «ANASTÁCIO DAS LOMBRIGAS» Este pseudónimo foi utilizado por Camilo relativamente a António José Lopes Pereira Alheira, e está relacionado com a criação do Grémio Literário do Porto, que era defendido por Alheira e rejeitado por Camilo.

3 - «ANACLETO DOS COENTROS» Este pseudónimo serviu a Camilo para substituir o anterior na sua colaboração, no *Jornal do Povo*, em 1851.

4 - «SARAGOÇANO» O primeiro escrito dramático de Camilo, publicado no *Eco Popular*, a 20 de Janeiro de 1849, e assinado com este pseudónimo.

5 - «O ANTIGO JUÍZ DAS ALMAS DE CAMPANHÃ» Com este pseudónimo, Camilo, em 1854, assinou o opúsculo *Folhas*

Caídas na Lama, paródia às *Folhas Caídas* (1853), de Almeida Garrett, que se esqueceu de as assinar.

6 - «ARCHI-ZERO» Pseudónimo utilizado por Camilo, embora não se diga onde. Pelo contrário, informa que este pseudónimo foi utilizado por Paulo José de Faria Brandão em A. F. de Castilho, e a Carta que acompanha o *Poema da Mocidade*, Rio de Janeiro, 1866.

7 - O pseudónimo «JOÃO JÚNIOR» foi utilizado por Camilo para assinar parte da sua colaboração no jornal *A Aurora do Lima*, estando a outra parte recolhida nos *Dispersos*, mas continuando anónima. Ainda neste jornal de Viana do Castelo, publicou os romances *Cenas da Foz* (1857) e *Carlota Ângela* (1858).

8 - «JOSÉ MENDES ENXÚNDIA» Em 1895, Camilo utiliza este pseudónimo para falar de D. João de Sá Coutinho Azevedo (1811-1854), conhecido literariamente por D. João de Azevedo, afirmando que este cultor das Letras, “Fez versos mediócras e escreveu muito boa prosa.” (in *O Porto e a Carta*).



CONTACAXIAS

Organização e Gestão de Empresas, Lda

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE:

CONTABILIDADE

IMPOSTOS (IRS, IRC, IVA, ETC.)

PROCESSAMENTO DE SALÁRIOS E SEGURANÇA SOCIAL

PROJECTOS DE INVESTIMENTO

AUDITORIA

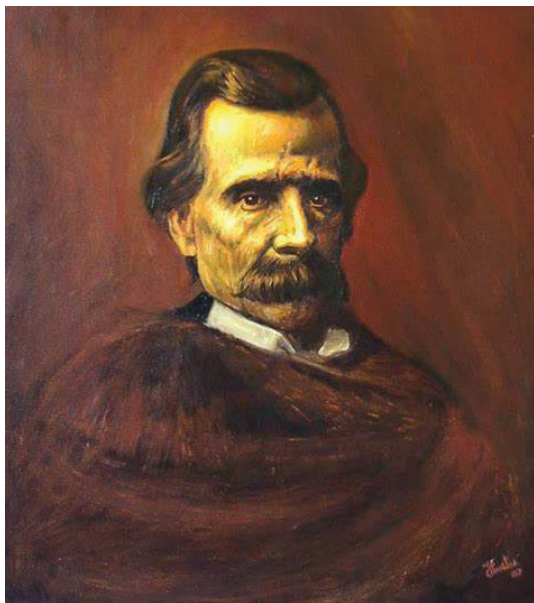
9, 10 - «BACHAREL SALOMÃO 2º» e «HERODES 4º» Pseudónimos de Camilo que não chegaram a ser utilizados, em 1889, nos *Dez Sonetos de Sensação* que, posteriormente, passaram a chamar-se *Sonetos Impressionistas*. O editor Eduardo da Costa Santos recusou-se a editar o livro com o respetivo prefácio, se não fosse assinado por Camilo. Só em 1890, o livro saiu assinado por Camilo, com o título *Nas Trevas*.

11 - «C. DA VEIGA» Com este pseudónimo, colaborou Camilo em *O Bardo, Jornal de Poesias Inéditas*, editado no Porto, entre 1852 e 1855.

Também colaborou com o seu nome e, em 1854, recolheu toda a poesia no livro *Dois Épocas na Vida*.

12 - «Visconde de Qualquer Coisa» Camilo utilizou este pseudónimo, em 17 de Janeiro de 1855, no jornal *O Nacional*, para se referir simpaticamente a José de Sousa Bandeira.

13 - «(O) BICO DO GÁS» Semanário de humor que teve apenas um número, em



“Retrato de Camilo” por João Duarte Freitas

Maior de 1854, e onde Camilo assina com este pseudónimo todos os lugares da redacção: diretor, redator-chefe e colaboradores. (Continua no próximo número)

José Aguiar Lança-Coelho
Licenciado e Mestre em Filosofia



Ofetalopticas
A olhar o futuro.



optivisão

ofetal@ofetal.pt
www.ofetal.pt
[facebook/ofetalopticas](https://facebook.com/ofetalopticas)

Oeiras Vila Rua João Teixeira Simões, 3 2780-254 Oeiras T. +351 214 425 100	Moinho das Antas Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5A 2780-241 Oeiras T. +351 214 427 944
Oeiras Fórum Rua Dr. José da Cunha, 33B 2780-187 Oeiras T. +351 214 415 916	Paço de Arcos Rua Costa Pinto, 95-97 2780-582 Paço de Arcos T. +351 214 422 717

Os exageros e a falta de modéstia

Astronomia, a Paleontologia, a Física, a Química e a Bioquímica, ciências bem conhecidas, apresentavam, sob ponto de vista da minha prima, Ermelinda Lopes, vários exageros. Estes “*exageros*”, parecem ser exageros, apenas a quem desconhece os métodos de investigação destas ciências. A Ermelinda questionava-se como e porquê, sem qualquer pudor e modéstia, atiravam com aquelas grandezas e pequenezas exageradas. Porquê e como se chegava àquelas cifras enormes, tantos milhões de quilómetros, ou de anos-luz, ou *parsecs*, numa; tantos milhões de anos, noutra? E, nas outras três, as suas ínfimas quantidades, submúltiplos do metro, como o Micro, 10^{-6} ; o Nano, 10^{-9} ; o Pico, 10^{-12} ; o Femto 10^{-15} ; o Ato, 10^{-18} ; o Zepto 10^{-21} e o Iocto 10^{-24} ... Este questionar não ocorria apenas à minha prima Ermelinda. Muitíssima gente, mesmo culta, em várias especialidades da cultura, onde as matemáticas ficaram imediatamente esquecidas, têm grandes reticências em relação às grandezas físicas muito grandes - pleonasticamente falando - usadas na Astronomia, ciência que muitos confundem até com Astrologia, e às grandezas temporais na Paleontologia, e às pequenezas - pleonasticamente muito pequenas - usadas na Química e Bioquímica...

Um dia destes, da semana passada, a Ermelinda veio cá, a minha casa, visitar a minha mulher. E eu, felizmente não estava lá nesse dia. Já explicarei porque

digo felizmente. Como são ambas muito ligadas a filosofias e modos de encarar as coisas por um prisma não materialista, não científico, ambas são só amantes de *espírito*... Acham que o que não é “*Natural*”, mesmo que lhes seja dito, redito, e explicado bem explicadinho, que todas as coisas que existem na Terra são, por natureza, *naturais*; dizem que na ciência tudo é falso quando se esquece da *Essência* das coisas. Elas falam-me de *Energias Essenciais*, mas como uma coisa abstracta. Mas que são diferentes das energias de que se fala nas ciências... E quando lhes digo que “Energia é tudo o que produz trabalho”; e que a Energia Universal é constante, e não se pode alterar, para elas o *Universo* é outra coisa... e o que lá se passa é muito diferente do que julga a ciência, embora só elas e alguns Gurus saibam do que se trata.

E quando lhes peço para me explicarem, e elas acedem, tenho de voltar aos bancos de uma escola especial! Aquilo tem *chakras*, *meridianos*, locais onde essas energias se escondem no nosso corpo e só podem ser activadas apenas por quem sabe. Há locais do nosso corpo, nos quais carregando, podem, como se fossem hormonas, ir fazer o seu efeito noutro lado...

Nem a minha mulher, nem a minha prima Ermelinda são burras, nem sequer são “loiras”, mas para elas, *Natural* é dogma, embora nem eu, nem elas, saibamos o que é!

Para ver se nos entendíamos, expliquei

o meu ponto de vista. Agora de forma simplória: Se eu tiver capacidade analítica, utilizando várias das técnicas que a ciência actual dispõe, e consiga aprender a constituição de uma substância *natural*, fiquei a conhecer os seus constituintes. E, se depois, sintetizar esses componentes que separei na análise, posso repetir a feitura dessa substância, as vezes que eu quiser. Isto é quase como fazem vocês quando desmancham uma velha camisola de malha, com lãs de cores diferentes podem voltar a fazê-la, igualzinha e daí para frente é ginjas... - elas interrompem-me:

- Na camisola, talvez, mas nas substâncias, falta-lhes... - aqui nem as deixo acabar e interrompo:

- Sim? E como é que vocês sabem o que lhes falta? É algo que só vocês sabem? Então, sabichonas, expliquem o quê, pois assim, poderíamos melhorar a substância que analisámos, depois de conhecer os seus constituintes, e sintetizá-la de forma a torná-la “natural” – responderam elas em uníssono:

- A *essência*, é o que lhe falta, e nunca ninguém há-de saber o quê! Se vocês juntarem todos os constituintes de uma vida humana, agora que até já dizem que mapearam o nosso genoma, digam lá se conseguem fazer uma pessoa?

- Então, se ninguém sabe, como é que vocês dizem que falta?

- Tu também nunca viste um átomo e nunca ninguém o viu e sabes que eles existem! – diz a minha mulher.

- Para já, é mentira! Eu, realmente nunca vi, nem a vista humana tem capacidade para os ver, nós só vemos luz, mas

já há instrumentos capazes de detectar e mapear átomos.

- Isso não é ver átomos! – diz a Ermelinda.

- Mas vocês também nunca viram uma alma, nem há maneira física de a ver, nem de sentir os seus efeitos, com qualquer equipamento actualmente conhecido. Mas vocês, têm uma alma e até acreditam que já viveram outras vidas! Nesta das *outras vidas*, até eu acredito, mas de forma diferente, mais racional e lógica, em conformidade com a Energia Universal, a tal que não se pode criar nem destruir, só se pode transformar. E essas outras vidas foram as vidas que outros seres vivos tiveram enquanto vivos, cujos átomos que as constituíram, para se manter a tal lei da *Energia Universal*, deram origem, talvez a mim, a um cão, um dinossáurio... - a Ermelinda, aqui embatucou, ficou um pouco a pensar e respondeu-me:

- Como é que vocês sabem que a Energia é constante?

- Sabes o que é a energia potencial? Esta é simplória. Quando levantas uma pedra que estava em repouso no chão, gastaste energia para a levantar. Essa energia saiu dos teus músculos e passou para a pedra. Logo que a largares, ela cai, repondo a energia que lhe comunicaste. Fica tudo na mesma. Imagina que se ninguém morresse, se nada se transformasse, ficaria a haver um *déficit* de átomos e tudo seria como está agora, nunca mais nada cresceria! Por isso, não inventem *Energias* diferentes da Energia, que é sempre a mesma, e nunca mais se poderá criar ou retirar. Se existem essas outras *energias*, têm de

produzir trabalho, que eu não sei qual será. E vocês, sabichonas, podiam ajudar com o vosso “*Conhecimento*” – elas replicam:

- O conhecimento que nós temos, não pode ser entendido por cientistas!

- Ah, não! A única coisa que eu e outros ainda não conseguimos, e se calhar nunca conseguiremos, é saber dar Vida. O que sabemos é que não há vida espontânea. Todos os fenómenos vitais derivam sempre de vida pré-existente. Não sabemos tudo, mas o que sabemos agora é válido até que alguém invalide este conhecimento, com novo conhecimento. Não há dogmas na ciência! Há, e sempre houve, alguns cientistas dogmáticos. Se um cientista for um obstinado especialista e ignorar os avanços na área do seu *conhecimento*, fica muito limitado. De igual modo, quem acreditar em *coisas*, sem saber outras coisas, que é o vosso caso, também é limitado. Os *holísticos* que vocês tanto gostam e apregoam, são uma falácia. Talvez, num futuro muito próximo, *holísticos* serão apenas computadores com inteligência artificial. Mas para se saber algo diferente daquilo que “*tem peso e ocupa espaço*” que é o que a ciência faz, têm de se usar os métodos que as várias ciên-

cias até agora aplicam para os seus conhecimentos e, se possível, criar outros métodos melhores e mais actuais, que os complementem ou os substituam... E isto é válido até para a Psicologia, cuja finalidade é o estudo da mente humana, que é uma coisa que parece não se poder medir, nem pesar - e parece conter um espaço quase do tamanho do Universo - e apenas podemos medir, pesar, e saber onde se passam algumas das nossas emoções e movimentos. Por isso, continuo a achar que a manutenção da crença em coisas que só vocês conhecem, e a vossa descrença nas ciências, não é conhecimento! Quanto muito, poderá ser engraçado, e divertido. Divirtam-se e sejam felizes!

Elas olharam uma para a outra, fizeram sinal de assentimento e disseram-me: - Não vale a pena! Vocês são mesmo *nhurros!*

E riram-se em sonoras e gostosas gargalhadas. Ri-me gostosamente também! Eu penso de maneira diferente e discordo das crenças delas. Mas gosto muito delas!

Carlos Aguiar



Av. dos Fundadores, 59-A
12770-072 PAÇO DE ARCOS
Tel. 21 441 02 85

CONCURSO FOTOGRAFIA OEIRAS



2026



INSCRIÇÕES ABERTAS

É fácil participar
e há prémios para ganhar

Leia o código ou visite o link abaixo

urlkub.co/2TCFj9

ORGANIZAÇÃO



APOIO



OEIRAS
CULTURA

Crime de Laveiras

Tiago C. P. dos Reis Miranda

Os grandes periódicos oitocentistas raras vezes se ocupam de Laveiras. Na *Gazeta de Lisboa* (1715-1833), substituída, depois, pelo *Diário Constitucional de Lisboa* (1833-1834), pela *Gazeta Official do Governo* (1834) e pelo mais duradouro *Diário do Governo* (1834-1976), as terras que se estendem entre Leceia, o Lagoal e Caxias, avistando, a poente, Porto Salvo e Paço de Arcos, eram referidas sobretudo por causa dos alargados domínios do mosteiro dos cartuxos ou da compra e venda de propriedades agrícolas de alguns senhores ou lavradores locais. A partir de meados do século, a imprensa comercial regista, por vezes, as idas e vindas de famílias ilustres em tempos de veraneio, mas, de uma forma mais persistente, noticia os preparativos das festas da Irmandade de Nossa Senhora das Dores, em setembro, e a viva afluência dos povos vizinhos, para participar das cerimónias religiosas e assistir à atuação das bandas de música que ano após ano se revezavam no privilégio de abrilhantar a efeméride. Se, porventura, esporadicamente, há nos jornais outros temas, quase todos se relacionam com a relativa escassez de recursos da região e com a necessidade de reformar as vias de trânsito, o abastecimento de água e os cuidados de assistência aos moradores.

Como se tem recordado, no *Portugal: dictionario historico, chrographico, he-
Conselheiro Ferreira Lobo (A Ilustração Portu-
gueza. 5º Ano, Nº II, p. 5).*

raldico, biográfico, bibliographico, numismatico e artistico (19104-1915), João Manuel Esteves Pereira e Guilherme



Rodrigues diziam que ainda na década de 1880 Laveiras “não passava d’uma pequena aldeia, com uma casa aqui, outra acolá, pobrissima, sem estradas nem commercio”. Tudo se teria começado a alterar com as obras das fortificações de Lisboa, “quando no velho convento da Cartuxa esteve aquartelado o pessoal de engenharia”, e, logo depois, “com a exploração das grandes pedreiras pelo Sr. Antonio Genelioux para as obras do porto de Lisboa”. O aumento da demanda de diversos produtos terá assim motivado o florescimento de pequenos negócios locais e a apetência para novas intervenções do poder público. A bem da verdade, caberia acrescentar que, nesse processo, tão ou mais relevante foi o advento do caminho de ferro, desde a sua construção, que disrompeu estruturas e rotinas – com consequências nem sempre positivas.

O empenho do Padre Feliciano Martins dos Santos (1834-1876) ampliou a visibilidade da carestia dos populares de Laveiras. De facto, faltava-lhes tudo ou quase tudo: desde meios condignos para uma dieta equilibrada, a habitações minimamente salubres. As crianças mal tinham o que vestir com decência. E o seu ensino era ali mais precário do que



Jornal da Noite, de Lisboa. Primeira página do número inaugural, de 02.01.1871. Reprodução digital da Fundação Biblioteca Nacional, do Brasil.

em outras localidades a uma distância equivalente da capital. Talvez por isso, em novembro de 1873, quando se retirou de Caxias, D. Fernando II, rei consorte, “mandou entregar ao capellão de Laveiras 5 libras para serem distribuídas pelos pobres de Caxias, Cartuxa, Laveiras e Morganhal”. Simultaneamente, a Sr.^a D.^a Judite Maria Rugalli de Meneses, mulher de D. João José de Menezes Portugal da Silva, dos Senhores da Quinta da Terragem, “offereceu ás creanças pobres que frequentam a escola de Laveiras vestidos novos” (*Jornal da Noite* de 21-22.II.1873, p. 3). Registos semelhantes podem ser encontrados em notícias dos anos seguintes. No início da década de 1890, coube ao

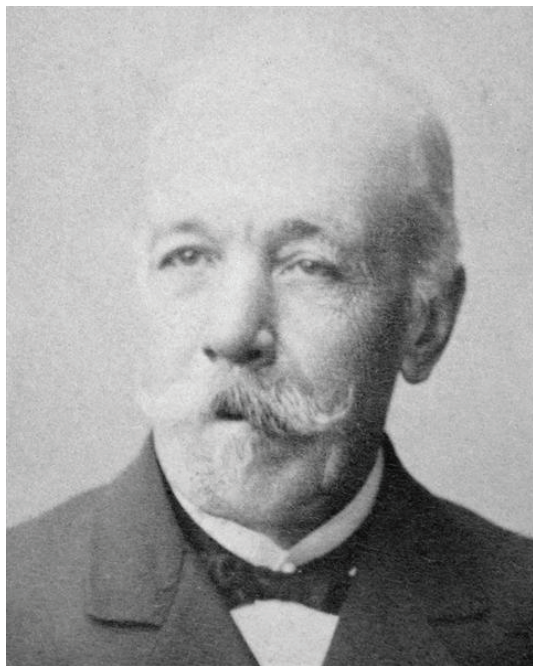
coletivo da Câmara Municipal de Lisboa deliberar a cedência “de 80 exemplares de grammatica, 80 de arithmetica (sic), para as escolas das creanças pobres de Laveiras” (*Jornal da Noite* de 12.03.1891, p. 2) [Figura 1].

Sobre a salubridade da região, as atas da Câmara Municipal de Oeiras parecem adiantar poucos dados. De qualquer modo, aos 26.08.1886 sempre se lê que o facultativo do partido, Estanislaú Moreira de Azevedo, se manifestava preocupado com a água estagnada em diversos pontos de muitos pegos da ribeira. E poucas semanas depois (23.09), o almoxarife da Quinta Real informava a edilidade que já mandara limpar “a repreza e levada da Cartuxa, a ponto de ficar completamente secco aquelle recinto”. Não será, decerto, coincidência que aos 23 de agosto o *Jornal da Noite* noticiasse na sua segunda página, sob o título “Acção meritoria”: “O Sr. dr. Martinho Tenreiro, governador substituto do districto de Lisboa [Figura 2], tendo sido informado de que no logar de Laveiras (...) se haviam manifestado alguns casos de typho, e que a casa em que essa doença principára a fazer victimas se prestava, pelas pessimas condições hygienicas em que se encontrava, a ser fôco d’uma epidemia tremenda (...), dirigiu se immediatamente ao referido logar e providenciou (...) no sentido de atalhar o perigo (...)”. Além de, provavelmente, contactar as autoridades municipais, Martinho Tenreiro deu conselhos aos moradores e distribuiu entre eles algumas esmolas, “como homem de coração sensível e de sentimentos generosos”, deixando memória que se julgava indelével.

Nesse contexto, os mesmos jornais falam, por vezes, de agressões, de mendicidade e de vadiagem nos campos e nas estradas. Algumas ocorrências parecem derivar do aumento do afluxo de gentes de fora, em períodos de romaria (veja-se, por exemplo, o *Jornal da Noite* de 29.09.1890, p 3). Outras, porém, agravam a percepção de um corpo social desequilibrado, carente e exposto a uma violência quase palpável.

A partir de meados de dezembro de 1898, toda a imprensa lisboeta se mobilizaria para cobrir em pormenor um assassinato cometido em Laveiras. A vítima era uma criança. E o enredo envolvia dois humildes casais: o primeiro, recentemente estabelecido na povoação, de trabalhadores agrícolas – um português e uma espanhola; o segundo, de locandeiros amasiados com loja na Rua Calvet de Magalhães, “em Laveiras de Cima”, onde o caso se passou. Houve, de pronto, a detenção de uma suspeita; levou-se o corpo sem vida para o cemitério, e lá se realizou a indispensável autópsia, estando presente o povo da vila, que fez temer um linchamento. Dias depois, a ação transferiu-se para Lisboa, com novo interrogatório à acusada e a auscultação de várias testemunhas. Quando se aguardava a pronúncia do veredito, discrepâncias diversas determinaram, afinal, um compasso de espera, que acabaria por resultar numa revelação surpreendente e perturbadora.

“O crime de Laveiras” ou “o caso da creança martyr” esteve nas páginas dos



Martinho Augusto da Cruz Tenreiro. Retrato do Arquivo Histórico Parlamentar.

jornais portugueses ao longo de mais de duas semanas, e pelo menos durante alguns meses foi depois incluído entre os pináculos do quadro dissolução de costumes a que, para muitos – conservadores ou progressivas –, deveria pôr cobro o poder público. Mas, mais do que isso, o sucedido naquela data adquiriu foros de escândalo transnacional e cruzou o Atlântico, originando notícias em série e narrativas de folhetim de norte a sul do Brasil. Literalmente. Como parece, portanto, tratar-se do mais importante motivo de difusão do nome de Laveiras em todo o século XIX, convirá revisitá-lo com outro vagar num próximo número.*

*Agradece-se o apoio da Dr.ª Maria Helena Évora, do Arquivo Municipal de Oeiras, e do Dr. Augusto Cordeiro, do Gabinete de Toponímia da Câmara.

Escutar o silêncio

Rita Neto de Almeida (adiante RNA) nasceu em Lisboa, em 1966. É licenciada em Gestão pelo Instituto Superior de Economia e Gestão e fez Mestrado em Finanças na Universidade Católica.

Reside há dez anos em Paço de Arcos, numa casa de sol, de luz e de mar. Tranquila e determinada, ousou mudar de vida desde 2022, virando costas ao conforto do emprego garantido, à remuneração aliciante. Escolheu o caminho mais desafiante, está por sua conta. Em contrapartida, ganhou um bem precioso: tempo! Tem tempo para os que ama, para si e para os outros. A Rita *transpira* Paz e Serenidade.

Num caminho de aprendizagem e de afirmação retomou a pintura – é aluna do curso do 3º Ano de Pintura da Sociedade Nacional de Belas Artes, curso da responsabilidade do Pintor Jaime Silva, nosso entrevistado nesta mesma edição do Jornal.

AVPA – Rita, que desafio este! Qual foi o ponto de viragem?

RNA - No período da pandemia do Covid-19, na fase do trabalho online, dei por mim a ter mais tempo para os meus três filhos, a almoçar com eles, a acompanhá-los nos estudos. Ter tempo para os cuidar, para os ouvir, fez com que me questionasse sobre o sentido da minha vida. O que queria eu fazer dela?

AVPA – Uma decisão tão fracturante exige uma reflexão profunda sobre a dicotomia do ter ou do ser...

RNA – Tive um percurso profissional de



Foto de Rui de Carvalho - Rita Almeida

que me orgulho, na área financeira. Recebi algumas propostas para trabalhar no estrangeiro que rejeitei. Impensável para mim trazer uma mudança tão radical para a minha família apenas para a minha realização pessoal. A minha última função foi como diretora financeira de uma multinacional da indústria automóvel, uma grande exportadora nacional. Exerci funções que me realizaram, procurei ir sempre mais além.

A ideia de mudar de vida aliciava-me pela vontade que tenho de aprender e de me conhecer melhor. Em 2022 abandonei o mundo do trabalho convencional, quis descobrir como era fazer o que gosto e com quem gosto: ter tempo para mim e para dar ao outro. Visitar exposições de outros artistas passou a ser também um programa O primeiro ano em que estive em casa



*MESCLA VI - Foto de Joana Oliveira:
Rita Almeida - Mostra Artística 2026, Livraria-Galeria Municipal Verney*

foi para explorar o que existia. Era de novo a criança a receber os presentes da árvore de Natal...

AVPA - Foi uma decisão consciente: o apelo da pintura pesou na decisão?

RNA - A atração pela Arte esteve sempre latente. Tinha 29 anos e estava grávida da minha primeira filha quando decidi fazer um curso de pintura. A relação com a pintura foi muito intermitente, trabalhar e cuidar das crianças não me permitia tempo disponível. Os cursos eram pequenos escapes de fim-de-semana, mas nunca largava o caderninho e o lápis para desenhar. Comecei com a aguarela, uma técnica desafiante que é a minha preferida. Tinha feito muitas coisas e as amigas incitavam-me a expor. Para mim, tratava-se de um hobby que eu desenvolvia na intermitência dos acasos na vida. Fiz uma primeira exposição individual em 2015, participei em ex-

posições colectivas e ganhei um novo impulso com o impacto positivo que o meu trabalho ia tendo: serenidade e paz era o eco que mais ouvia sempre que expunha. A pintura era e é parte da vida que escolhi, da busca de algo que me faça ir mais para dentro e dar mais qualidade ao tempo que vivo com os meus filhos.

Também pesou o facto de a profissão de gestão de alto risco, que era a minha, ser demasiado absorvente, não permitia espaço para o silêncio e para a reflexão.

Hoje tenho a liberdade de poder escolher e de me sentir merecedora dessa dádiva. Nesta nova fase da vida procurei também explorar o lado teórico da pintura, ingressando na Sociedade Nacional de Belas Artes, onde frequento o terceiro ano do Curso de Pintura. Um privilégio aprender nesta escola!

AVPA - O que ganhou e o que perdeu neste percurso? Não desvalorizando a importância das condições financeiras, o tempo é o nosso bem mais valioso?

RNA - Sim é, a par da Saúde. Quando tomei a decisão de deixar o meu emprego fiz, obviamente, contas para garantir a qualidade de vida da família. Trabalhei muito para poder agora usufruir e investir na formação. A pintura é uma das formas de me expressar, de ter o meu tempo sem tempo. De um tempo que não tem o relógio a contar; permite-me olhar para dentro, ouvir o silêncio...

E dou aos outros tempo de meu tempo: faço voluntariado em três áreas diferentes: na Fundação Manuel Violante, na “Cozinha com Alma” e na livraria “Déjà Lu” em Cascais, na Fortaleza da Cidadela. É muito



Foto de Joana Oliveira, “Há uma melodia nas nuvens da série Silêncio”

gratificante. Agradeço todos os dias esta liberdade de escolha. Há dias mais desafiantes do que outros, tenho sempre a pintura e a leitura que me permitem fugir para outro imaginário...

AVPA – Participou em diversas exposições, em Lisboa, na Associação 25 de

Abril; em Oeiras, no Cafelab e na prestigiada Mostra Artística da Livraria-Galeria Municipal Verney, que estará patente ao público até 23 de maio próximo. Os filhos, os amigos gostaram?

RNA – As exposições são sempre bons momentos que permitem o fechar de um ciclo de criação ao olhar do outro. É sempre desafiante, mas muito compensador! Os meus filhos gostam particularmente da fase da criação e quando início as ideias dos próximos trabalhos...verem-me neste novo papel e serem surpreendidos por algo novo é algo que me dá muito prazer. E os amigos têm sido um apoio fundamental nas exposições e nas boas conversas sobre esta mudança.

AVPA – Nunca reequacionou a opção que fez?

RNA – Não, nunca! Foi uma opção desejada e muito ponderada. E se naquele momento foi um acto de fé, sei hoje que valeu a pena. Parei de contar os dias, de viver num ritmo muito acelerado e passei a viver o momento sem pressas e com a liberdade de escolha. Foi um presente que me dei!

Margarida Maria Almeida
(escreve de acordo com a antiga ortografia)

RESTAURANTE
Borges

Rua Curry Cabral, 4 (Traseiras)
B.º Comendador Joaquim Matias | 2780-049 Paço de Arcos

TAKE-AWAY
ENCOMENDAS 214432659/938499790
Taxa de entrega 3,50€, gratuita a partir de 25€
Horário: 12/15h - 18/21h Seg. a Sáb | 11/15h Domingo



MARISCOS E PEIXES SEMPRE FRESCOS

CACHIAS e as Fortalezas do Tejo - 5 Forte de S. BRUNO de Caxias

(Continuação do número anterior)

A grande obra efectuada não foi suficiente para proteger o (agora) Forte de S. Bruno, das marés e dos assoreamentos, principalmente no período das “marés vivas” (de que no meu tempo sou testemunha), pelo que, a Engenharia deu mais um passo, concentrou os seus esforços e, em data não encontrada mas depois de 1815, deitou mão (talvez o seu último recurso), à ribeira de Barcarena, fazendo passar o seu caudal a Norte do Forte, de modo que a sua foz ficasse a leste para que o fluxo e a força da sua vazante, barrasse e empurrasse as ondas e as areias que vinham sempre e naturalmente desse lado.

Notas: - Mesmo com o desvio da ribeira, havia pequenos assoreamentos, mas dava tempo para que ela própria, com alguma ajuda, soltasse novamente o caudal. - Como o Forte e a “praia do meio” ficavam isolados, devido a este desvio da ribeira, foi construído um passadiço/ponte sobre os muretes do encanamento para se chegar até eles.

Todas estas modificações deram por fim, razoáveis resultados, melhorando e muito, as condições de protecção do Forte, mas só até 1951, ano em que um forte vendaval rebentou com a curva do encanamento para o desvio do curso da ribeira, porque, nas posteriores obras da sua reconstrução, “inteligentes” engenheiros optaram por aproveitar a ocasião e anularam o desvio, fazendo com que o caudal da ribeira voltasse ao seu



A parte final do encanamento da ribeira

caminho natural, desaguando directa e perpendicularmente no Tejo.

Nos anos seguintes, por inúmeras vezes, o Forte ficou obstruído e danificado necessitando periodicamente de obras avultadas, começando logo nos anos de 1952 a 1958.

A sua História, bem como a de todos os outros edificadas na altura, pelo mesmo contexto só passa a ser conhecida a partir do início do século XVIII, como veremos.

Em 1701, foi nomeado seu Governador, o Conde D. Rodrigo da Silveira, bem como mais 10 para outros Fortes ou Batarias. Em 1712, o Pd. A. Carvalho Costa menciona a existência do Forte de S. Bruno, perto do Mosteiro dos Frades Cartuxos. Estou convicto que o seu nome foi escolhido porque nessa altura havia grande azáfama na construção do novo Mosteiro dos Brunos. Em 1735, uma rigorosa inspecção militar informa que o Fortim encontra-se inoperacional e em péssimas condições, obstruído por areias que cobriam 2 canhões na Bateria baixa e outros 10 que estavam desmontados. Portanto, daqui se deduz que já existia uma Bateria alta, tanto mais

que já estava equipado com 12 canhões. Impunha-se fazer grandes obras para que no futuro não voltassem a acontecer estragos idênticos. E os trabalhos fizeram-se como está descrito acima, durante 16 anos e, em 1751, era um Forte novo. Em 1763, estava equipado com 18 peças de fogo. Em 1777, encontrava-se artilhado, mas não tinha qualquer guarnição militar e estava habitado por uma família de civis. Em 1798, foi visitado pelo Brigadeiro Francês (ao serviço de Portugal), Quiet de Ville, que lastimou o mau estado em que se encontravam os canhões e os seus reparos ou carretas e assim, inoperacional, sem poder de fogo. Em 1801, permanecendo até 1813, foi seu Governador, o Capitão Manuel António da Cunha, encontrando-se guarnecido com 11 canhões. Em 1815, encontrava-se novamente atulhado pelas areias que acumuladas, galgaram as muralhas dos semi-baluartes, destruindo partes da construção e equipamentos e forçando a novas reparações. Foi a partir desta destruição (data não encontrada) que foi tomada a grande decisão de desviar o caudal da ribeira de Barcarena, acabando com esse enorme problema durante os 130 anos seguintes, até 1951. Em 1821, foi nomeado seu Governador, o Tenente José Joaquim Peixoto, encontrando-se em boas condições operacionais. Em 1830, no reinado de D. Miguel, veio da Torre do Bugio para seu Ajudante, Francisco da Cunha Roda. Em 1831/32, o Forte ficou ao serviço, muito particular, de D. Miguel, que o requisitou e passou esses dois verões, com a ajuda do seu pessoal do Paço Real, a fazer exercícios de tiro sobre alvos situados a meio Tejo. Muito possivelmente, foi esta a única vez que o Forte disparou a sua artilharia.

Em 1834, após a vitória dos Liberais (de D. Pedro IV e sua filha D. Maria II) sobre os Absolutistas (de D. Miguel) na Guerra Civil, o Forte foi desartilhado. Em 1868, estudou-se a hipótese de nele ser montada uma nova peça de Artilharia, uma Armstrong de 9 mm de calibre. Em 1878, o Forte foi alugado a João Cardoso Ferraz de Miranda e sua família, por um período de 9 anos. Arrendamento que terminou em Tribunal, cujo processo demorou cerca de oito anos a resolver. Em 1895, a Administração Geral das Alfândegas solicitou o Forte para nele instalar um Posto Fiscal. Com a demora do processo judicial, só em 1903 se fizeram as obras de adaptação para nele ser então instalado um Posto da Guarda Fiscal que aí permaneceu até 1940. No entanto, em 1939, o Forte foi entregue ao Ministério das Finanças, deixando de ser considerado uma Fortificação Militar. Em 1940, foi cedido à Junta Autónoma das Estradas para ser utilizado como estaleiro de apoio à construção da Estrada Marginal. Em 1946, foi cedido, com interferência de Marcello Caetano à Mocidade Portuguesa. Em 1947, foi também utilizado temporariamente pela Escola de Marinheiros e Mecânicos da Marinha Mercante. Em 1948, esteve ocupado durante todo o verão por 360 filiados da Mocidade Portuguesa. Entre 1951 e 1958, após intenso mau tempo, com vendaval, marés-vivas e cheias em anos sucessivos, que rebentaram com o encanamento da ribeira, foram levadas a efeito grandes obras interiores (cozinha, refeitório, sanitários, instalação eléctrica, etc.) e exteriores (nas muralhas, terraços, etc.), pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN). Esta foto mostra o encanamento da ribei-

ra no local onde fazia a curva para o seu desvio, destruída pelas fortes intempéries. Frente ao pavilhão da praia (à esquerda), encontra-se o passadiço, também destruído e, curiosamente, vê-se um indivíduo por debaixo dele. Em 1975, o Forte foi entregue ao Fundo de Apoio às Organizações Juvenis, para ser utilizado como Colónia de Férias. Em 1977, foi entregue à Associação Portuguesa de Pousadas da Juventude. Em 1978, é classificado como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto 95/1978. Em 1982/86, beneficiou de grandes obras de recuperação, devido ao seu mau estado, incluindo terraplanagem para remoção do entulho acumulado nos espaços à sua volta, tendo sido dada autorização do seu uso ao Corpo de Voluntários Salvadores Náuticos que, ao mesmo tempo, colaboraram activamente na sua conservação. Em 1997, a DGEMN e a Câmara Municipal de Oeiras fizeram, novamente, grandes obras de recuperação pelo motivo habitual, e assim se comprova o grande erro cometido pela Engenharia em relação ao local da foz da ribeira.

Repare-se que alguém deitou mãos ao entulho exposto que incluía uma invasão de “chorões” (planta que gosta de meios salgados) e fez um pequeno arranjo que durou ainda algum tempo. Repare-se também no monte de areia, à esquerda,

que está quase a galgar a muralha, como chegou a acontecer, e em 1997, atingiu os piores níveis.

Em 1999, o Forte regressa à posse do Ministério das Finanças que o cede por 25 anos à Câmara Municipal de Oeiras (CMO), que continua com as grandes obras de recuperação e restauro, levando-as também à área envolvente. Em 2001, a CMO cedeu o Forte à Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, para aí instalar a sua Sede de Honra.

Nota – 3 observações: - A primeira, para fazer notar que houve o cuidado de construir uma pequena barreira para sustentar os futuros assoreamentos. - A segunda, mostra o areal já carregado do entulho habitual das marés-vivas. - A terceira, aumentando a imagem, junto à ponta do semi-baluarte traseiro direito, vendo-se a ponta final do murete da ribeira.

Consultados os livros, ARCO DE BELÉM A S. JULIÃO, de L. Costa Guedes; FORTIFICAÇÕES MARÍTIMAS DE OEIRAS, de Carlos P. Calixto; SYNOPSE DOS DECRETOS DO CONSELHO DE GUERRA, de Cláudio de Chaby.

Carlos A. R. Frederico de Albuquerque

CASA JOÃO

DE JOÃO J. NICOLAU A. SANTOS

**Reparação de máquinas de costura
de todas as marcas**

Fanqueiro, Retroseiro e Têxteis Lar

Rua Costa Pinto, 103 – Tel. 21 443 2256 – Telem. 93 970 4774 — 2780-582 PAÇO DE ARCOS



COLÓQUIO

50 ANOS DE ENTRADA DAS PRIMEIRAS MULHERES NA ESCOLA NÁUTICA

27 MAIO

ESCOLA SUPERIOR NÁUTICA
INFANTE D. HENRIQUE

16:30

RECEÇÃO

Acreditação de participantes

17:00

COLÓQUIO

Oradores

Dr. José Ribeiro e Castro

Advogado, Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal | Moderador

Prof. Ana Pimentel

Professora de Direito Marítimo na ENIDH

Dra. Constança Ribeiro

Trader de afretamento de navios na Galp

Eng^a. Lúcia Silva

Oficial Chefe de Máquinas da Marinha Mercante

Eng^a. Marisa Lameiras

Diretora Geral da DGPM

Prof. Miguel Miranda

Presidente do Conselho Geral da ENIDH

Cmdt. Telma Lau

Piloto de barra da APL

Cmdt. Vânia Carvalho

Comandante do Corpo de Alunos da Escola Naval

18:30

ENCERRAMENTO

Porto de Honra



ESCOLA SUPERIOR
NÁUTICA
INFANTE D. HENRIQUE



ENTRADA LIVRE

Inscrição para info@alumninautica.pt até dia 22 de maio de 2026

Luciano Cordeiro (1844-1900)

Luciano Cordeiro (LC) nasceu em Mirandela, a 21 de Julho de 1844, de seu nome completo, Luciano Baptista Cordeiro de Sousa.

É um dos nomes históricos de Paço de Arcos, porque foi na Rua Costa Pinto, numa casa ao lado da farmácia que ele viveu e aonde escreveu um livro sobre a Perda de Ormuz, no Verão de 1875.

Um polígrafo, como é designado na escultura que tem em Mirandela? Ora um **polígrafo** é um autor que escreve sobre coisas diversas. Para LC, prefiro o termo **publicista** que, segundo o mesmo dicionário, significa: escritor público, homem de letras, que me parece mais adequado. Aliás, a “História de Portugal”, de José Mattoso (Edição do Círculo de Leitores), cita-o como tendo ficado em 21º lugar numa lista dos 25 melhores escritores, obtida em inquérito aos leitores, numa revista de Coimbra. Esta edição da História de Portugal inclui 14 referências a LC.

Não gosto é da designação de polígrafo que lhe atribui a única estátua que lhe é dedicada, à entrada da ponte nova, em Mirandela.


Além desta, tem nome de rua em Mirandela, mas também em Lisboa e em Paço



de Arcos, junto à estação de Caminho de Ferro.


Concluiu o curso superior de Letras, em 1867, e foi logo nomeado professor de Literatura e Filosofia no Colégio Militar. Desempenhou vários cargos públicos e representou o país em Congressos e Conferências internacionais.

Fundou com o irmão, Francisco Maria Cordeiro de Sousa, a **CARRIS – Companhia dos Carris de Ferro de Lisboa**, em 18 de Setembro de 1872, com a curiosidade



Mercedes-Benz

Auto Caxiense
R.A. Mercedes



MECÂNICA
PINTURA EM ESTUFA
ELECTRICISTA
BATE-CHAPA

BANCO DE ENSAIO
COMPUTADOR DE TESTES
(diagnóstico de avarias)

Rua João Alves de Carvalho, 6 e 8
2760-126 CAXIAS

autocaxiense@sapo.pt
Tel. 21 443 51 42
21 446 13 36



de da sua fundação ter sido no Brasil! A intenção era implementar, em Lisboa, um sistema de transporte do tipo americano, com carruagens movidas por tração animal que se deslocavam sobre carris.

Fundou, com Alfredo Pequito, a **Sociedade de Geografia de Lisboa** em 1875, da qual viria a ser Secretário Perpétuo. Esta Instituição divulgou questões ligadas ao império e preparou as primeiras grandes viagens de exploração científica, por Serpa Pinto, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens. Contrariando Andrade Corvo, defendeu perante a Câmara de Deputados que o nosso aliado deveria ser o indígena e não a Inglaterra, que nos tinha traído, aquando do Mapa Cor de Rosa.

A este propósito e citando a “História de Portugal”, de José Mattoso (Vol. VIII, pág. 43): “Em Lisboa davam-se vivas a um ou-

tro escritor, companheiro literário de Antero, Luciano Cordeiro, o qual era o fundador, o secretário e a alma da Sociedade de Geografia de Lisboa...”

Como jornalista, colaborou com diversos jornais e revistas, sempre numa perspectiva de combate intelectual e político.

Deixou obra de historiador, ensaísta e crítico literário.

Integrado na Geração de 70 (1870), próximo do Grupo dos “Vencidos da Vida”, onde pontificavam homens como Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Guerra Junqueiro e Teófilo Braga.

Deixou-nos um legado de dezenas de publicações, das quais refiro algumas que retirei da *internet*, de bibliotecas e de alfarrabistas:

- Viagens: Espanha e França, 1874
- Viagens: França, Baviera, Áustria e Itália, 1875
- De la part prise par les portugais dans la découverte de l'Amérique, 1876
- L'Hydrographie Africaine aux XVI siècle, 1878
- Memórias do Ultramar. Viagens, Explorações e Conquistas, 1881
- De como navegaram os portugueses no começo do séc. XVI, 1884
- Sórora Mariana, a Freira Portuguesa, 1888



RESTAURANTE PARAÍSO DE CAXIAS

Take-Away

Estrada da Gibalta, N.º 18, C. Comercial, loja 4 CAXIAS

Telef.: 216 015 752 Telem.: 914876 154

- Luís de Camões (episódio de Inês de Castro)
- Diogo Cão, 1892
- Berengária e Leonor, Rainhas da Dinamarca, 1893
- Batalhas da Índia - Como se perdeu Ormuz, 1896
- Dois Capitães da Índia, 1898 (talvez o último publicado em vida)
- Questões Coloniais, 1934 (publicado depois da sua morte)

Desempenhou um papel fundamental na Questão do *Ultimatum*, representando Portugal na Conferência de Berlim, em Novembro de 1884, na consequência da qual viria a defender a ocupação dos territórios entre Angola e Moçambique, posição partilhada por Pinheiro Chagas e contrariada por Oliveira Martins.

Sobre a questão africana, LC esteve bem acompanhado pelos intelectuais do seu tempo, Eça de Queiroz, Antero de Quental, Teófilo Braga, Columbano Bordalo Pinheiro, Rafael Bordalo Pinheiro, Latino Coelho, Fialho de Almeida, Raúl Brandão, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Pinheiro Chagas, enfim, toda uma geração de ouro da História da Literatura e das Artes de Portugal. O que movia esta geração contestatária era a procura de uma identidade nacional fundada em valores históricos que deveriam constituir as bases positivas da nacionalidade. Tudo isto num ambiente político de fim de regime. Na lista acima, não se inclui Camilo Castelo Branco, porque pela leitura da História, tudo indica que, apesar da sua grande valia literária, não se chegou a integrar neste movimento novo. E isso percebeu-se melhor na sua morte, em que

estes homens se dividiram relativamente às honras a prestar, uns só pelas Academias literárias, outros pelas nacionais.

Foi adepto do cientismo, reivindicando para a própria crítica literária o estatuto de ciência, tal como Émile Zola fazia em França. E assim, também contestou o celibato dos padres à luz destes novos paradigmas científicos.

Luciano Cordeiro e Teófilo Braga foram os mais votados para a **Comissão Executiva do Centenário de Camões**, em 1880, que tiveram grande impacto nacional, sendo a Coroa arrastada pelo sucesso da iniciativa, apesar de não lhe agradar. E não lhe agradava porque estas comemorações (cf. “História de Portugal”, de José Mattoso, Vol. VI, pág. 605) “À luz do fundamento filosófico (o positivismo) de Augusto Comte, que enformou as festas, e tendo em vista a conjuntura em que estas emergiam – o despertar do movimento republicano...”. De acordo com a mesma fonte, estas comemorações (laicas) integraram definitivamente a figura histórica de Camões no imaginário nacional.

Politicamente, LC integrou o Partido Regenerador, cujos chefes admitiam que era um partido ordeiro, de governo, mas também avançado, e nunca abdicaram da esquerda do regime. O seu jornal, “O Regenerador”, adoptou o lema da revolução francesa: Liberdade, Fraternidade e Igualdade, inscritas num triângulo de inspiração maçónica.

(continua no próximo número)

Jorge Golias

Cinema do Século XXI

PROGRAMA

Auditório Municipal Maestro César Batalha,
Oeiras (15h30)

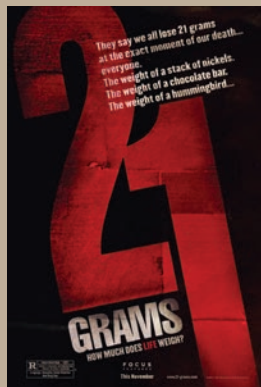
12 Maio “Moulin Rouge!” (2001) de Baz Luhrmann (M12), 127m (drama musical-romântico)
Com: Nicole Kidman, Ewan McGregor, Jim Broadbent, Richard Roxburgh, Kylie Minogue.



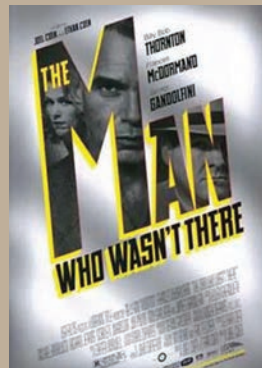
19 Maio “Gladiator” – “Gladiator” (2000) de Ridley Scott (M12), 149m (drama histórico, acção, aventura)
Com: Russell Crowe, Joaquin Phoenix, Connie Nielsen, Oliver Reed, Richard Harris.



26 Maio “21 Grams” – “21 Gramas” (2003) de Alejandro González Iñárritu



(M16), 120m (drama, policial, *suspense*)
Com: Sean Penn, Naomi Watts, Benicio del Toro, Charlotte Gainsbourg, Melissa Leo.



2 Junho “The Man Who Wasn't There” – “O Barbeiro” (2001) de Joel e Ethan Cohen (M12), 105m (drama *neo-noir*)
Com: Billy Bob Thornton, Frances McDormand, Scarlett Johansson, Michael Badalucco, Richard Jenkins, James Gandolfini.



9 Junho “Gosford Park” (2001) de Robert Altman (M12), 132m (*suspense*)
Com: Michael Gambon, Kristin Scott Thomas, Camilla Rutherford,

Maggie Smith, Kelly Macdonald, Clive Owen, Helen Mirren, Eileen Atkins, Alan Bates, Emily Watson.

16 Junho “Signs” – “Sinais” (2002) de M. Night Shyamalan (M12), 102m (drama, ficção científica, *suspense*)

Com: Mel Gibson, Joaquin Phoenix, Cherry Jones, Rory Culkin, M. Night Shyamalan.



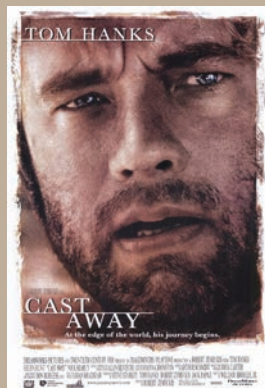
30 Junho “Marie and Bruce” – “Um Casal Surreal” (2004) de Tom Cairns (M12), 87m (comédia, drama)

Com: Julianne Moore, Matthew Broderick, Bob Balaban, Julie Haggerty, Campbell Scott.



23 Junho “Cast Away” – “Cast Away – O Náufrago” (2000) de Robert Zemeckis (M12), 144m (drama, aventura)

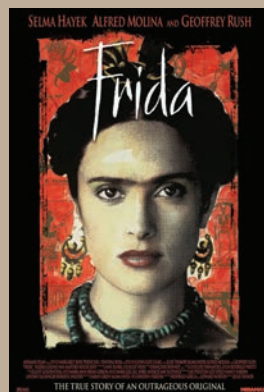
Com: Tom Hanks, Helen Hunt, Nick Searcy, Jenifer Lewis, Geoffrey Blake.



7 Julho “Frida” (2002) de Julie Taymor (M12), 118m (drama romântico histórico biográfico)

Com: Salma Hayek, Alfred Molina, Geoffrey Rush, Ashley

Judd, Antonio Banderas, Edward Norton, Diego Luna, Valeria Golino.



Auditório Municipal

José de Castro, Paço de Arcos (15h30)

28 Junho “The Curse of the Jade Scorpion” – “A Maldição do Escorpião

de Jade” (2001) de Woody Allen (M12), 100m (comédia)
Com: Woody Allen, Dan Aykroyd, Helen Hunt, Charlize Theron, Elizabeth Berkley.

Exposições sobre Cinema, nas sessões em Paço de Arcos, durante a parte da tarde.



Imagens das Exposições de Março e Abril:



Luís Amorim (escreve de acordo com a antiga ortografia)

Notícias do Forte de São Bruno

Com o aproximar do Verão, a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos irá retomar a sua habitual actividade cultural com a realização de alguns eventos, no Forte de São Bruno.

O primeiro é já no dia **28 de maio**, e à semelhança de outros anos, o Forte vai ser palco de **Fados A Olhar o Tejo** com o músico Jorge Mendes acompanhado pelo guitarrista José Braga, seu acompanhante de longa data.

Entre **junho e julho**, vamos receber exposições de artes plásticas, os Amigos dos Castelos dão primazia aos artistas do concelho de Oeiras sendo eles os protagonistas das exposições no Forte. Em **11 de junho**, inaugura a exposição de artes plásticas da artista Ana Briz. O mote da exposição tem o seu livro “Brigissima ao Arrepio da Memória” como inspiração. Ana Briz Poeta e artista, numa exposição que alia poesia à pintura e que estará patente até ao dia **26 de junho**.

Em **2 de Julho**: inauguração da exposição **Referências**, de Clara Piçarra, residente em Caxias, que viveu a sua infância em Moçambique tendo depois regressado a Portugal. Desde muito jovem se interessou pelos quadros, que representam emoções que vivenciou e observou, e marcam as suas obras tanto na pintura como na escultura. A exposição estará patente até ao dia **26 de julho**.

O horário de abertura ao público é das **14h00 às 19h00**, de **terça a sexta-feira**.

À semelhança de outros anos, propomos as tertúlias, no Forte de São Bruno, que

FADOS
A OLHAR O
TEJO

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS AMIGOS DOS CASTELOS 40 ANOS 1986-2026

MUNICÍPIO DE OEIRAS

FORTE DE SÃO BRUNO
28 de maio de 2026
21h00

JORGE MENDES

Informações: Inscrição Prévia
contato: 218 885 381 ou 918 748 695
email: educativo@amigosdoscastelos.org.pt

OEIRAS VALLEY | MUNICÍPIO DE OEIRAS | OEIRAS CULTURA

visam divulgar a história e as gentes de Caxias.

Em **18 de junho**, receberemos Jaime Silva, Artista Plástico residente em Caxias, nascido em Peso da Régua, que faz parte dos órgãos sociais da Sociedade de Belas Artes, umas das entidades relevantes na promoção das Belas Artes. Propomos uma conversa agradável, em que o rio Tejo nos irá fazer companhia e nos vai permitir navegar no percurso pessoal e artístico do artista.

Com início às **18h00**, esperamos contar com a presença de todos os Oeirenses.

Entrada livre sujeita à capacidade da sala. (Todas as atividades contam com a colaboração do Jornal A Voz de Paço de Arcos)

Isabel Folgosa Barata
(Gestora cultural
do Forte de São Bruno)

O Jardim da Quinta do Jardim

Na margem oriental da Ribeira de Barcarena, ergue-se o sóbrio solar setecentista, conhecido na terra pela «Casa do Arco». O nome não poderia ser mais justo, pois é precisamente um arco que atravessa a fachada, permitindo a passagem da Estrada de Laveiras,



junto à capela de S. João Baptista. Vamos encontrar a primeira referência documental a esta quinta, em 1535, ano em que se descrevem as *'suas casas, pomar e vinhas e terras de pão [...]* como pertencia a dita capela' - palavras que evocam um lugar já então vivido, cultivado e habitado.

O palacete deve, contudo, a sua originalidade arquitetónica à reconstrução que se seguiu ao terramoto de 1755, levada a cabo pela família Ludovice. Uma obra realizada após o casamento de Manuel António Godinho da Gama, Capitão-mor da vila de Oeiras, com D. Mariana Clara Ludovice, neta do arquiteto do Convento e Palácio de Mafra. Por esta razão, vamos encontrar grande semelhança no traçado da fachada desta quinta com a da residência de João Frederico Ludovice, na Quinta da Alfarrobeira, em S. Domingos de Benfica, Lisboa.

Numa obra efetuada no período do

barroco tardio, pode à primeira vista, surpreender o facto de no exterior depararmos com um jardim austero, de composição minimalista, quando o nome da propriedade dá ênfase à sua existência. Este jardim de pedra, acessível por uma escada lançada em elegante curva, é composto por um pomal, um tanque agrícola e organizado em torno de uma árvore singular, um Dragoeiro (*Dracaena draco*), criando um espaço de silêncio e recolhimento. Esta árvore centenária, cuja copa faz lembrar um fóssil vivo, deve o seu nome à resina vermelha, conhecida por 'sangue de dragão', com propriedades curativas. Esta espécie exótica, da zona da Macaronésia, desde a Antiguidade, é tida como um símbolo de vitalidade, resistência, longevidade ou mesmo imortalidade. Tornou-se, assim, um ícone cultural representado tanto em bandeiras e brasões, como na literatura e na arte. Podemos ver um

exemplar no famoso tríptico de Hieronymos Bosch, *O Jardim das Delícias Terrenas* (1504). No período barroco, a arte dos jardins ainda se funda na ideia de paraíso perdido. Confia-se, contudo, numa razão ordenada e valoriza-se a educação espiritual em que o espaço existe como catequese silenciosa.

O jardim austero, quando relacionado diretamente com a dedicação da capela a S. João Baptista, pode ser lido como uma alegoria simbólica do Baptismo do Senhor. A sua composição depurada, marcada pela aridez mineral e pela ausência de ornamentação vegetal, aproxima-o do espaço liminar do deserto, lugar onde S. João exerce o seu ministério. De forma decisiva, a proximidade física de um Convento da Ordem dos Cartuxos, permite identificar um horizonte espiritual coerente, enraizado na tradição do deserto cristão e na sua receção ocidental. O jardim torna-se, assim, lugar de pensamento teológico vivido, que se abre à experiência do espaço como texto vivo e interiorizado. Nesse contexto, o tanque adquire uma leitura que ultrapassa a sua função hidráulica, evocando simbolicamente as águas do rio Jordão, espaço de purificação e de passagem. O pombal, por sua vez, pode ser associado à pomba do Espírito Santo, que desce no momento do Baptismo, introduzindo a dimensão da revelação divina. No centro deste cenário, o Dragoeiro, isolado e resistente, assume o valor de vida essencial, da *Árvore da Vida* (São Boaventura), que emerge após a passagem pela água e pelo Espírito. Com o Baptismo, não se recupe-



ra simplesmente o Éden perdido, mas nasce uma vida nova em Cristo. O madeiro da Cruz substitui a árvore perdida: *'A morte veio pela árvore; a vida veio pela árvore'* (Santo Agostinho). Neste sentido, o Dragoeiro, isolado no jardim-deserto, funciona como imagem natural da vida que brota da Cruz após o Baptismo. O jardim da Quinta do Jardim afirma-se, assim, como prolongamento simbólico da capela de S. João Batista, traduzindo na paisagem arquitetónica, a teologia do Baptismo. O seu estudo permite melhor compreender a tensão fundamental entre o Baptismo como conversão existencial consciente e o baptismo como graça sacramental objetiva, recebida antes da maturidade da consciência, tal como foi formulado pela teologia agostiniana do pecado original. O jardim torna-se, assim, um lugar de síntese erudita de espiritualidade cristã no período Pombalino, fora da arquitetura religiosa.

Sofia Valdez Tûma

Mostra de Artes

Mostra de Artes, de Criativos Independentes, com Feira do Livro e Galeria de Arte, uma organização da Associação Cultural e do Jornal “A Voz de Paço de Arcos”, com quatro edições realizadas nos Mercados de Paço de Arcos e Oeiras, em Fevereiro, Março e Abril.

Próximas edições: 2 a 9 de Maio; 6 a 13 de Junho; 7 a 11 de Julho (Mercado de Paço de Arcos); 20 de Junho (Mercado de Oeiras, em conjunto com a Associação Femina).

*Texto e fotos de Luís Amorim,
excepto onde indicado.*

(escreve de acordo com a antiga ortografia)



CONTABILIDADE E CONSULTORIA

Proximidade, confidencialidade e rigor



214 420 036



afernandeslopes@sapo.pt



R Alfredo Lopes Vilaverde 7
2760-000 - Paço de Arcos



www.fla-associados.pt



Farmácia NOVA-CAXIAS

Rua Bernardim Ribeiro, 1-A – 2760-016 CAXIAS – PORTUGAL
Telem. 961523685 email: farmnova-caxias@hotmail.com

Entrevista a Francisco Capelo

Quando e como despertaste para a arte e a literatura?

Na longa e frutífera tradição da ligação da doença mental à arte (pintura, literatura etc.), sofri de depressões profundíssimas causadas por duas situações em simultâneo: *bullying* e paixão platónica, numa turma onde se criou um ambiente doentio. Comecei terapia e a criar desenhos aos 18 anos, e também a escrever livros, incentivado por uma pedagoga excepcional - Maria Georgina Valente, que me indicou como vocação o curso de Sociologia, para desespero da minha mãe... ela ensinou-me a essencial “análise de conteúdo” aplicada aos meios de comunicação de massas, como a Televisão, por exemplo. Mais tarde conheço outra pessoa importante no meu percurso artístico - a professora de História das artes visuais, Leonor Pepe, no Liceu de Oeiras. A minha profunda depressão - entretanto e finalmente ultrapassada - é o *combustível* directo e indirecto para todas as áreas criativas a que me dedico.

Quais as tuas influências artísticas?

“Arte bruta” de crianças e loucos de Jean Dubuffet, Expressionismo abstracto de Jackson Pollock e o Informalismo europeu do meu Mestre - o mago catalão influenciado por Budismo zen e Xamanismo, Antoni Tàpies, falecido em 2012. Outro nome de igual relevância é o radical artista do original movimento dos anos 70, Fluxus - o alemão Joseph Beuys, que desenvolveu um estilo de *performances*, estas ligadas mais claramente ao

Xamanismo.

Estes dois artistas mesclaram, no fundo - Antropologia e Arte.



Como defines o teu estilo artístico?

“Expressionismo simbólico” - no fundo, uma extensão do expressionismo abstracto americano, sendo que a minha pintura é muito diferente do meu desenho e muito diferente da escultura e da escrita. Procuo expressar coisas diferentes em cada disciplina artística - daí os resultados/ obras serem sempre muito diferentes entre si.

Quais as tuas outras vertentes profissionais?

Enquanto sociólogo, desenvolvi um método próprio, composto de 4 livros, até à data (“Sociedade fantasma”, “Socio psiquiatria”, “Social lógica” e “O louco errado”) - o Método integrado de ciências sociais - incluindo Psicologia, Antropologia e Sociologia. Este método “fusão” envolve necessidades psicológicas, constantes antropológicas e projecções simbólicas em sub- grupos. No fundo, é a noção de que não existe uma psicologia individual, mas antes uma sociologia psicológica, ou psicologia social. Resumindo: apenas um sociólogo com estas características pode fazer terapia, incluindo um complemento crucial de artes visuais. Recentemente criei igualmente uma “auto- massagem”, para que a própria pessoa se sinta num estado de

meditação através de alongamentos e de pontos de calor e frio. Tudo isto para completar a terapia individual, que devendo deva ser feita, sobretudo por sociólogos e antropólogos.

Como vê o panorama actual da arte e da literatura? E o que deverá ser feito para melhorar?

O actual panorama é péssimo. Ninguém faz o crivo de qualidade. É apenas o lucro que se procura, quase em desespero - sem entenderem que é na elevada qualidade que reside esse mesmíssimo lucro que tanto almejam ! Cópias de *bestsellers* além- mar a torto e a direito - sobretudo nas editoras de livros. Capitalismo em estado puro não funciona na literatura ou arte - isso é certo - mas estas almas iluminadas dizem que sim ! Depois, quando surge no horizonte um Bukowski na escrita ou um Lowry na pintura ou um Presley na música, é uma explosão criativa que leva tudo à sua frente. Claro que tudo explode - pois tudo o resto à volta é mediocridade disfarçada de alta expressão artística ! Os criativos autênticos raramente chegam a galerias comerciais ou editoras tradicionais - e devem trilhar o seu próprio caminho. Hoje, o sistema do *Print on Demand* como o KDP da Amazon abre bastantes vias para venda do próprio autor, directamente. No entanto, falta aqui, claramente - uma entidade agregadora. Poderá ser um *website* ou um espaço físico, porque os talentos geniais são às centenas, e a nível global – mas andam todos a “apanhar bonés”...

Participas no colectivo “Criativos In-

dependentes”, apoiados pela Associação Cultural e o Jornal “A Voz de Paço de Arcos”. Como é que tudo começou e como vê estes eventos mensais da “Mostra de Artes”?

O meu grande amigo Luís Amorim convidou-me, e este era o momento certo para participar – com telas, desenhos, livros, artigos e arte gráfica que tenho feito para o evento. Hoje, há dezenas e dezenas de pessoas muitíssimo criativas cuja única saída é este evento - e eu estou orgulhoso deste trabalho de súpula do que várias gerações têm feito – muitas vezes, produzindo para a “gaveta da eternidade”...

Quais as perspectivas de futuro nesse colectivo e no teu caminho artístico e literário?

Uma coisa é certa: mesmo que no futuro se abram certas portas em galerias ou editoras que até agora têm estado *olimpicamente* fechadas, eu vou sempre sempre participar neste colectivo, ao qual dei o título de “Criativos independentes” - e com toda a razão e lógica e em boa hora o fiz. Adoro as pessoas e adoro o ambiente de amadorismo saudável - porque uma atitude de *hobby* em relação à criatividade faz todo o sentido e não está ligada à qualidade da obra em si mesma. Este é um projecto de largo horizonte - estruturante.

- Obrigado pelo teu convite, amigo e poeta Luís Amorim!

Luís Amorim

(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Da dor à esperança: retrato de um Portugal solidário

Portugal tem sido, nos últimos tempos, um país posto à prova. Um território pequeno em dimensão, mas vasto em desafios, onde as estações do ano já não seguem o guião previsível de outros tempos. Porquê? A modernidade dos tempos obrigou a uma nova e destruidora poluição, o que veio a alterar as condições climáticas, o chamado efeito de estufa. No verão, o fogo avança sem pedir licença, consumindo florestas, casas, memórias e, por vezes, a vida. No inverno, a água cai, com a sua fúria transborda rios, invade as ruas e os lares, deixando um rasto de destruição que parece repetir-se, ano após ano. São intempéries, que já não surpreendem, mas que continuam a doer. Os incêndios tornaram-se quase uma imagem de marca dos meses quentes. Nesta tormenta, homens e mulheres enfrentam as chamas como quem enfrenta um inimigo antigo, sabendo que



a batalha é desigual. Cada incêndio é mais do que territórios ardidos: são aldeias quebradas na sua paz, animais extintos, solos que se tornam estéreis, e pessoas vendo o trabalho de uma vida reduzido a cinzas.

Quando chega o inverno, a ameaça muda de forma, mas não de intensidade. As chuvas intensas, as tempestades e os ventos fortes lembram-nos que a natureza também sabe ser implacável.



LAVANDARIA

OS ARCOS

LIMPEZA A SECO - LAVANDARIA - PELES
CARPETES - CORTINADOS, ETC, ETC.

RUA PATRÃO JOAQUIM LOPES, 15
PAÇO D'ARCOS

TELEF. 214 436 731
2780 OEIRAS

A VELHICE E A SUA DIGNIDADE

Estradas cortadas, escolas encerradas e famílias desalojadas. O clima parece exigir uma adaptação constante, obrigando-nos a repensar a forma como cuidamos o território e como nos prepararmos para o inevitável.

A tudo isto, somam-se tragédias, que marcam profundamente a memória coletiva, como o acidente do Elevador da Glória. Um símbolo da cidade de Lisboa, carregado de história e quotidiano, transformou-se num palco de dor inesperada. Momentos assim, recordam-nos a fragilidade da vida e como, num instante, a normalidade pode ser interrompida de forma brutal. E, no entanto, é precisamente nesses momentos de maior dificuldade e fragilidade que Portugal revela uma das suas maiores virtudes: a solidariedade.

Sempre que a tragédia bate à porta, surgem mãos estendidas. Vizinhos que acolhem vizinhos, voluntários que

aparecem sem ser chamados, instituições e cidadãos comuns que se organizam para ajudar quem perdeu tudo. Há donativos, há palavras de conforto, há presença e, muitas vezes, é essa presença que mais conta.

Portugal sofre, cai, mas por fim levanta-se. Com esforço, com união e sentido de comunidade que resiste ao tempo e às adversidades. Entre cinzas e águas revoltas, permanece uma certeza, que enquanto houver solidariedade, participação e humanidade, haverá sempre uma esperança. Um país não se mede apenas pelas suas tragédias, mas pela forma como responde a elas - e nisso, Portugal continua a dar uma lição silenciosa, mas poderosa.

*Luís Álvares
(escreve de acordo com
a antiga ortografia)*

grau de imaGinação www.grau.pt

DESIGN

- Gráfico
 - Catálogos, brochuras, flyers
 - Design de embalagens
 - Criação de logótipos
 - Design editorial
 - Merchandising
 - Estacionários
- Web
 - Criação e manutenção de websites

PRODUÇÃO

- Digital
 - Pequeno e grande formato
- Offset
 - Pequeno e grande formato
- Serigráfica
- Têxtil

Alameda do Sabúgueiro, 5A, Murganhal, 2760-128 Coxias
Telefone e Fax: 214 366 463 | geral@grau.pt

Ecoss de três pandemias

Ao longo da história, a humanidade aprendeu - por vezes de forma muito sofrida que as doenças viajam mais rápido do que a memória. Em cada época, quando uma nova epidemia se espalha como vento entre casas, mercados e cidades, as pessoas reagem com uma mistura, primeiro de medo, depois prudência e esperança e, depois, a maior parte das vezes, com esquecimento. Foi assim na época da **Peste Negra**, repetindo-se durante a **Gripe Espanhola**, e voltando a acontecer no início do século XXI, com a **COVID-19**. No século XIV, quando a peste negra se espalhou pela Europa, esta mergulhou numa sombra aflitiva, sem explicação (uma expiação divina?). As cidades, embora de pequena dimensão, eram sujas e insalubres (ratos e pulgas), e a medicina ainda caminhava às cegas entre crenças religiosas, superstições e observações empíricas. Quem contactasse com doentes era mais sujeito a adoecer; quem vivia em espaços fechados e confinados parecia estar mais vulnerável. Assim, nasceram algumas defesas e uma precaução coletiva. As casas onde ocorriam doenças eram marcadas, evitavam-se contatos com os doentes, os estranhos eram observados com desconfiança, os nobres desterravam-se para zonas rurais. Nalguns portos, surgiu a ideia de se manterem navios e suas tripulações afastados durante quarenta dias, dando origem à palavra quarentena.

O medo estava instalado. As famílias fechavam portas. Limitavam-se os contatos. Os mercados tornaram-se menos frequentados, só as igrejas se enchiam de súplicas. As cidades aprendiam, lentamente, a viver com a distância. Ainda que muitas expli-

cações fossem imprecisas, apenas a utilização de certos ingredientes naturais, como incenso e certas mesinhas com plantas odoríferas, poderiam ajudar a resistir. A intuição humana começava a compreender que o cuidado com o contato e a postura de defesa pessoal poderia significar a diferença entre a vida e a morte. Situação que se verificava no hábito dos próprios médicos da época, chapéu de abas largas, traje negro largo, máscara com nariz saliente contendo ervas aromáticas, bengala para manter um certo afastamento.

Séculos depois, em 1918, o mundo enfrentou novamente um inimigo invisível com a chegada da gripe espanhola. O contexto era diferente: a ciência avançara, a medicina evoluíra e os hospitais existiam em maior número. No entanto, a doença espalhou-se com uma rapidez assustadora, favorecida pelo movimento de soldados e populações após a Primeira Guerra Mundial. Subitamente, cidades inteiras encheram os hospitais, as ruas voltaram a ficar silenciosas e a população dividida entre a necessidade de continuar a viver e o medo do contágio.

As medidas adotadas tinham uma estranha familiaridade com as da Idade Média, embora fossem então apoiadas por um maior conhecimento científico e de salubridade. Escolas e teatros fecharam, eventos públicos foram cancelados com a recomendação de que as pessoas evitassem aglomerações. Máscaras simples de tecido começaram a aparecer nos rostos de médicos, enfermeiros e cidadãos comuns. Cartazes em praças e jornais aconselhavam a lavar as mãos,



ventilar espaços e manter distância dos doentes.

Em muitas casas, repetia-se o mesmo ritual: janelas abertas para deixar entrar o ar fresco, lenços cobrindo o rosto, evitando tosses e espirros, e silêncio respeitoso à porta de quem estava doente. As comunidades aprenderam que proteger o outro significava também o proteger a si mesmas. Apesar disso, a circulação de informações incompletas e rumores gerava confusão - um fenômeno que atravessaria também as pandemias futuras.

Quando o século XXI começou, poucos imaginavam que o mundo globalizado voltaria a enfrentar uma crise sanitária de dimensão planetária. No entanto, em 2020, o novo coronavírus espalhou-se rapidamente entre continentes, transformando aeroportos, cidades e aldeias em locais onde se vivia um sentimento comum de preocupação. A pandemia de COVID-19 trouxe consigo tecnologias e conhecimentos que os séculos anteriores não possuíam: laboratórios capazes de sequenciar vírus em dias, sistemas de comunicação instantânea e vacinas desenvolvidas em tempo recorde. Mas, apesar de todo o progresso científico, em certos casos de aceitação duvidosa, determinados gestos permaneceram surpreendentemente semelhantes aos de outras épocas. O isolamento dos doentes, a quarentena obrigatória evitando contatos, o encerramento temporário de escolas e espaços públicos e o uso de máscaras voltaram a fazer parte do cotidiano, assim como os cuidados preventivos, tais como a medição constante da temperatura corporal ou as zaragatoas em que cotonetes enormes eram enfiados pelas narinas, permitindo diferenciar situações de maior ou menor risco. Imposições legais obrigavam à manutenção da distância física nos espa-

ços públicos como forma de cuidado.

Em cada uma destas pandemias, repetem-se também as mesmas lições. A primeira é a importância da solidariedade coletiva. Nenhuma pessoa atravessa uma epidemia sozinha; a saúde de cada indivíduo está profundamente ligada à saúde da comunidade. A segunda lição é o valor da informação e do conhecimento científico. Enquanto na Idade Média, predominavam crenças e tentativas empíricas, nas crises mais recentes, a ciência tornou-se uma bússola essencial para orientar decisões e salvar vidas...

Assim, quando observamos a história da peste negra, da gripe espanhola e da COVID-19, percebemos que elas formam uma espécie de espelho ao longo do tempo. Em cada século, os rostos são diferentes, as cidades mudam, e o conhecimento cresce. No entanto, os gestos de prudência - lavar as mãos, evitar o contato durante surtos, proteger os mais vulneráveis e confiar na cooperação coletiva - permanecem surpreendentemente semelhantes.

Cada geração enfrenta o medo à sua maneira, mas deixa para a seguinte um conjunto de cuidados, precauções e histórias. E mesmo com novos desafios, como as alterações climáticas, enquanto a história continuar a ser contada, essas vozes do passado recordarão que, diante de um inimigo invisível, a prudência, a ciência e a solidariedade continuam a ser as defesas mais antigas - e mais eficazes - da humanidade.

Plagues and Peoples, de William H. McNeill. New York: Anchor Books, 1976. Estudo clássico sobre a história das epidemias e o impacto das doenças infecciosas no desenvolvimento das sociedades humanas.

Eduardo Barata
(professor auxiliar FFUL, aposentado)

André Rolis, gerente do Restaurante Carula

Chama-se André Rolis (adiante AR), tem 35 anos e é o jovem gerente do histórico e conceituado Restaurante CARULA, situado na Rua Costa Pinto, em pleno centro histórico de Paço de Arcos. Venham connosco, vamos falar do seu percurso, da tradicional comida portuguesa e da arte de bem receber.

AVPA – Qual a origem da designação “Carula”?

AR – Poderá ser - não tenho a certeza - o nome de uma vendedora de peixe que conhecia muito bem o mar; quando antevia tempestade, corria à praia a avisar os pescadores para não saírem.

AVPA – O Carula é um restaurante histórico?

AR – É histórico, é sabor e alma. Tem mais de 60 anos, passou por aqui muito gente conhecida, gente que fez história.

AVPA – A restauração foi um acaso ou um projecto de vida?

AR – Eu queria ser militar, mas uma tatuagem no braço excluiu-me automaticamente de ingressar nas Forças Armadas. Descobri, tarde de mais, que as tatuagens eram proibidas. Comecei por trabalhar na Pastelaria Oceania, seguiu-se o restaurante “Os Arcos”, depois o Astrolábio e, agora, aqui estou eu!



AVPA – O que eu andei para aqui chegar...

AR – Andei um bocadinho, já tenho 20 anos nesta indústria! Surgiu este espaço fantástico e agarrámos o projecto com entusiasmo.

AVPA – Qual é a sensação de chegar ao topo? A Rua Costa Pinto é o *ex-libris* da vila e é conhecida pelos seus restaurantes de excelência, gama média-alta. Tem um vizinho recomendado pelo Guia Michelin...

AR – Ter chegado aqui dá-me gozo, muito gozo! Gosto muito disto, mas é uma vida difícil, temos que abdicar de muita coisa, são muitas horas a trabalhar, sacrificamos a família, os amigos. A nossa cozinha está sempre aberta, estou aqui desde as 9.00 horas da manhã até à meia-noite. Costumo dizer que isto é uma prisão de porta aberta...

AVPA – Uma prisão com uma bela vista para o mar. A Carula renasceu?

AR – Sim, penso que se nota: melhorámos o *décor*, o espaço ficou mais leve; o conceito da comida tradi-

cional portuguesa mantem-se com pequenas inovações; servimos petiscos, temos um horário mais alargado, a cozinha está sempre disponível para os que chegam.

AVPA – Convença-nos a virmos aqui almoçar, jantar, petiscar...

AR – Funcionamos do meio dia até às 23.00 horas. Venham ter comigo, gosto muito de pessoas, de conversar, gosto que todos se sintam como se estivessem nas suas casas. Zelo pela qualidade do que servimos, supervisiono todos os produtos que utilizamos. Temos optimo peixe e marisco sempre muito frescos; a carne é sempre nacional.

AVPA – Cozinhar é amor?

AR – Muito amor, muito! Se não trabalharmos com amor, não vale a pena estarmos aqui. A qualidade dos produtos, o requinte da boa cozinha e um acolhimento eficiente são vertentes indissociáveis. Só preciso que venham cá uma vez para verem do que falo.



AVPA – Muito obrigada, André. Muito sucesso para esta aventura que combina a maravilhosa comida tradicional portuguesa com a arte de bem receber.

*Margarida Maria Almeida
(escreve de acordo com
a antiga ortografia)*

Estamos no Centro Histórico da Vila,
com comida tradicional portuguesa,
e está à sua espera!

De Terça-feira a Sábado, das 12 às 23 horas e ao
Domingo para o almoço das 12 às 16 horas.

Carula

RESTAURANTE

R. Costa Pinto 39, 2770-046 Paço de Arcos | Telemóvel 936 252 761

Outras quadras de Abril

lançada à terra a semente
de onde um cravo brotaria
fez-se da semente gente
brotando dela a alegria

era a manhã de algum dia
nascido de outra maneira
de Sophia a poesia
de rubro cravo a bandeira

e a alegria de ser livre
de trazer outra verdade
de trazer um novo alento
de o tempo ser liberdade

também floriu a campina
o monte o vale o esquecido
e ouviu-se gritar nas ruas
o povo unido jamais será vencido!

Jorge Castro
25 de Abril de 2026

Alexandra Trusova

Se a Beleza o Desporto e a Arte
pudessem triunfar neste mundo em
chamas!
Quando danças
és o pássaro de fogo que procura a Paz
a ligação à natureza.
Alexandra és a juventude
que atravessa o tempo
e as fronteiras.
Pudesse o teu sorriso e a tua dança
ser possível para qualquer criança ...
Mas não ... a barbárie persegue-nos:
A guerra continua em países devasta-
dos,
crianças sem pernas que
não compreendem o que lhes aconte-
teceu.
Hospitais bombardeados
infância desolada entre gritos e mís-
seis.
É esta ... a nossa civilização!

Graça Patrão

Cravo de caule esguio

Cravo de caule esguio
hirto em seus verdes pés
breve, de cheiro intenso
Quer use fato encarnado,
corpo branco ou amarelo
ou bordo de azul pintado
Não vejo as ramificações
como diferenças no ser
vejo-as como expressões

da vontade de crescer.
É o cravo que amanhece
É a flor dos poetas
Cravo de corpo esguio
É a flor que nos aguarda
escondido no colorido
que enfeita o fato vestido
ou o cano de uma espingarda

Maria Luz

Essa imponente madrugada de Abril

Com a vida ao relento em território som-
brio
Matávamos a imaginação,
Calávamos o cansaço,
Cultivávamos a dúvida
E
- suspensos da neblina
em que escondíamos a esperança -
Clandestinamente
Tentávamos expulsar o medo e abraçar o
vento.

Éramos silício em cidades de gelo,
Espécie de robots sem cor
Dominados pelo silêncio mecânico da
desdita,
À espera que alguém desenhasse
- nem que fosse com sangue -,
O caminho para a luz.

(cada alvorada era sem brilho
- Treva-Maldita -
e rugia nas pedras
que nos prendiam a amarras.
Sobrevivíamos nas arestas da revolta.
Em nós, só o sonho andava à solta)

Naquela Imponente-Madrugada
o sangue
Fez-se flor visceral, vermelha, herética e
forte.
Eram cravos
A soltar pétalas como risos,
A gritar Liberdade semeando horizontes,
A dizer NÃO à morte sempre anunciada
Pelos abutres,
Arautos da quietude.

É, ainda hoje
(quando se duvida, se vacila,
e a utopia se esvai em distopia;
quando se quer esquecer
ou apagar
a magia daquela alvorada),
O Cravo
Que fura o asfalto do nosso desânimo,
Que se torna estandarte de um povo irre-
quieto
E refloresce no peito de quem ama,
Como se de cano de espingarda se trata-
se.
Abençoado Abril, meu Cravo-em-Chama

António Manuel dos Santos
24 de Abril de 2026

FUNERÁRIA CENTRAL
DE PAÇO DE ARCOS



R. José Pedro Silva, n.º 2-B, 2770-107 Paço de Arcos - Tel.: 214 418 291

Aristides Peixoto
Telem.: 919 711 023



E-mail: gestifunebre.pacodearcos@gmail.com

Mensagem para Mandela

Tenho pensado muito em ti, Madiba,
Pensado no que foi a tua vida,
Frágil, às mãos de quem te encarcerou,
Mas forte, que em momento algum
quebrou.

Vida de luta pela liberdade,
P'la tua liberdade e p'la alheia,
Com uma alma grande e sempre cheia
De sonhos, de visão, e de bondade.

Ao verem que tu eras teu senhor,
Aqueles que teus donos se julgavam,
Ao verem que os poderes lhe escapavam,
Na prisão reprimiram teu valor.

Da trincheira que foi tua prisão,
Com a fé acalmaste a tua dor,
Ao ódio, respondeste com amor,
Teus “Algozes” levaste à rendição.

Neste “Oceano” imenso de maldade
O bem que praticaste foi a gota,
E a paga recebida foi bem pouca,
Para quem tanto amou a igualdade.

E já a presidência exercias,
No mesmo restaurante também estava
Quem na tua cabeça urinava
Quando após tortura, água pedias.

Com elegante e digna gentileza,
Em atitude nobre, fraternal,
Mandaste a tua guarda pessoal,
Instá-lo a sentar-se à tua mesa.

Volta Mandela! Eu sei que irás voltar,
Eu sonho ser o Mundo um restaurante
Onde se sirva amor e paz bastante,
E esteja em cada mesa, o teu lugar.

Manuel Favita

Primavera

Hoje abri a janela e chegou-me a
Primavera.
A folhinha pequenina, agarrou-
-se à grande árvore.

Paulo Ferreira

O Lago

Tão manso é o lago dos teus olhos
que temo avançar a mão
cortar as águas
e semear o espanto
na descoberta
da minha sede antiga.

*Ana Paula Tavares, poeta angolana,
Prémio Camões*

"Nunca entres num lugar de onde não possas sair livremente"
Provérbio Árabe

Tempos de Oeiras

Primavera a dizer que sim perante nova caminhada pelo centro de Oeiras, com início no ponto em que pela nossa frente, sorri a Capela do Solar, assim bem designada a que integra o Palácio do Marquês de Pombal. É da autoria do arquitecto Carlos Mardel e foi dedicada a Nossa Senhora das Mercês. No seu interior, destaque para os estuques de Giovanni Grossi, os três altares com pinturas de André Gonçalves e, também, para a representação da vida da Virgem.

Câmara Municipal do nosso lado esquerdo, mas o caminho indica-nos para seguir em frente, passando ao lado do vistoso Jardim Municipal, lembrando dias outros de crónica sobre os tempos que Oeiras tem e já conheceu por alturas diversas. Nas



Capela do Solar

imagens que comparamos, os anos 40 têm um encanto que não passa despercebido, nem mesmo para a vertente romântica que está presente nos jardins de maior charme, como é o caso deste.

Construções recuperados, outras a pedirem idêntico tratamento, levam-nos por rua com uma ligeira subida, avistando por entre antigas vivendas, um prédio imponente, também com portão de garagem que nunca passará despercebido, devido às suas largas dimensões. As vistas para Nova Oeiras e a Quinta do Marquês sobressaem por momentos de pausa, mas contornando o tal edifício, conferimos lojas na parte de grande terraço, enquanto do outro lado da rua, algumas casas antigas, com aparência de terem quintais colectivos, realçam os gatos que neles passeiam ou dormem em modo tranquilo, talvez uma sossegada repetição que já vem de alturas distantes.

Segue-se a passagem pelo Auditório Municipal Eunice Muñoz, em homenagem à grandiosa atriz, mas que está em obras de recuperação. Foi construído no espaço do antigo Cine Teatro de Oeiras, datado de 1945, tendo recebido o nome de Eunice, em 1997. A recuperação e remodelação deste espaço procurou preservar a parte simbólica e significativa de um edifício modernista, mas também adaptá-lo à realização de eventos culturais, o que foi verídico durante este século. Mas agora, está de novo em obras, acreditando-se que, em breve, teremos um Auditório renovado e com





Vista do Palácio e do Jardim Municipal

Foto de António Passaporte (1940)

Vista da fachada sul do Palácio do Marquês de Pombal e, em primeiro plano, à esquerda, trecho do Jardim Municipal.

Ref.: [PT/MOER/MO/NF/002/000110]

melhores atributos culturais.

Algumas lojas na envolvência, cada vez em maior número observado, pois que o largo da Igreja Matriz está quase a receber-nos. Em tempos antigos, parecia cativar mais pessoas do que aos dias do hoje, em forma de escrita, mas talvez seja impressão momentânea, consoante os eventos que por aqui possam ter lugar.

Antes de entrarmos na escrita de matriz religiosa, mais acima avistamos o Mercado Municipal de Oeiras, de sua construção



Vista actual da entrada do Jardim Municipal



Auditório Eunice Muñoz - Vista parcial da fachada do Auditório Municipal Eunice Muñoz (2000)

Ref.: [PT/MOER/MO/NF/004/01/007042]

finalizada em 1959. Ao longo de todos estes anos, tem servido a população e sido um ponto de encontro entre gerações. No presente considerado, também acolhe eventos, alguns dos quais com a vertente cultural bem vincada, como são as mensais “Mostras de Arte”, de Criativos Independentes, com o apoio do nosso Jornal, “A Voz de Paço de Arcos”, mas



Largo 5 de Outubro - Foto de António Passaporte (1961)

Em primeiro plano, vista parcial do núcleo antigo de Oeiras, onde observamos à esquerda, o Café Bugio e, mais à direita, o Café Central. Ao fundo, à direita, destacam-se duas das torres da urbanização Nova Oeiras.

Ref.: [PT/MOER/MO/NF/002/000147]



Mercado Municipal - Foto de António Passaporte (década de 50)

Aspecto do jardim no Largo 5 de Outubro. À esquerda, o Mercado Municipal. Ao centro, o edifício onde funcionava a farmácia. À direita, a papelaria Havanesa. Ao fundo, dois moinhos de vento.

Ref.: [PT/MOER/MO/NF/002/000106]

também da Associação Cultural com o mesmo nome, realçando sempre a criatividade de artistas e escritores que são os detentores das obras, na sua totalidade. A presença destas “Mostras de Arte” estende-se ao Mercado Municipal de Paço de Arcos, em periodicidade mensal.

Mas uma vez lembrando como era este largo, o 5 de Outubro, em tempos antigos, melhor mesmo, é dar o rosto de frente à Igreja Matriz, para no mais bre-

ve que for possível, escrever sobre este templo religioso.

(continua no próximo número)

*Luís Amorim
(escreve de acordo com
a antiga ortografia)*

Fotos do Autor excepto onde indicado, sendo as restantes imagens cedidas pelo Serviço do Arquivo Municipal de Oeiras

INVESTIMOS NO FUTURO DOS CONDUTORES



Rua José Moreira Rato, 6A
2770-106 Paço de Arcos
Tel: 21 442 76 28 / 21 442 78 03

Email: esc.cond.pacodarcos@gmail.com • [facebook.com/ecpa1](https://www.facebook.com/ecpa1) • www.ecpa.pt

Escola Associada ANIECA
Categorias Motociclos e Ligeiros

Parceiros IMT
Revalidações Cartas
e Documentos Veículos e Condutores

Dom CARLOS

RESTAURANTE
COMIDA TRADIÇÃO PORTUGUESA

*O sabor de Portugal
à sua mesa!*

PROMOÇÃO

MENU

POR APENAS

14€

EM DIAS ÚTEIS

— INCLUI: —

-  Entrada
-  Bebida
-  Prato
-  Sopa ou Sobremesa
-  Café



PROMOÇÃO DE GRUPO



**LEVE 7 AMIGOS
E O SEU MENU É**

por nossa conta!



**PEIXES FRESCOS
TODOS OS DIAS!**



RECEBA DIARIAMENTE
OS PRATOS DO DIA
E RESERVE PELO WHATSAPP
+351 934 294 691



PARA O VERÃO,
**SARDINHAS
GRELHADAS!**



R. Dr. Manuel Rodrigues 3,
2700-999 - Caxias

"JUNTO A JUNTA DE FREGUESIA DE CAXIAS"

FACEBOOK



WHATSAPP

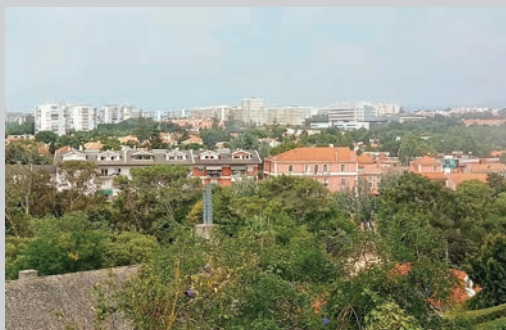


INSTAGRAM



Oeiras por quem a vê

Fotografias de Ana Araújo
facebook.com/profile.php?id=100069132235928



Arte Urbana de Miúdo Arte
artemural.pt
facebook.com/miudo.arte
instagram.com/p/CNZ9uTrhw5O



O Festival *Pint of Science* regressa aos bares portugueses!

O maior festival de ciência invade os bares de Oeiras!

O maior festival internacional de comunicação de ciência está de volta e promete, mais uma vez, transformar conversas de bar em momentos de descobertas científicas. Este ano, o festival *Pint of Science* marca presença nos dias 18, 19 e 20 de maio, levando investigadores a espaços informais da cidade de Oeiras como o *Tiamat Lounge* e o *El Train*, onde irão partilhar conhecimento com o público de forma acessível e descontraída.

A ideia é simples e convidativa: juntar um bar, dois cientistas e muitas perguntas. Em locais de convívio, como cafés e bares, o festival aproxima a ciência de todos, desmistificando conceitos e mostrando o lado humano de quem investiga. Ao longo de três noites, será possível conhecer histórias, curiosidades e desafios do trabalho científico, diretamente pela voz de quem o faz.

Na sua 9ª edição em Portugal, o *Pint of Science* chega a Oeiras integrando uma programação nacional que abrange 12 cidades: Almada, Aveiro, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Funchal, Guarda, Lisboa, Oeiras e Porto.

O programa completo será anunciado em breve no website oficial (www.pintofscience.pt) e nas redes sociais da *Pint of Science* Portugal. Ainda assim, há uma certeza: todas as áreas do conhecimento terão lugar à mesa. Da

astronomia às neurociências, da robótica à oceanografia, sem esquecer a história ou a política, a diversidade científica será o ponto forte do evento.

Tal como nas edições anteriores, o festival organiza-se em várias sessões distribuídas por diferentes espaços da cidade. Cada sessão inclui duas conversas conduzidas por investigadores, começando por uma breve introdução à área científica de cerca de 15 minutos, seguida de uma discussão aberta com o público.

Criado em 2012, no Reino Unido, o festival *Pint of Science* rapidamente se tornou um fenómeno global. Em Portugal, o festival acontece há quase uma década, graças à iniciativa de Daniela Domingues e ao trabalho de uma dedicada equipa de voluntários que, ano após ano, tornam possível esta celebração da ciência.

Em maio, o *Pint of Science* volta a unir cidades de vários pontos do mundo numa mesma missão: levar a ciência para fora dos laboratórios e aproximá-la das pessoas.

Para mais informações sobre o festival que transforma bares em palcos de ciência, visite www.pintofscience.pt e acompanhe todas as novidades.

Fonte:
Associação “*Pint of Science*”

Comemoração dos aniversários de “A Voz de Paço de Arcos”

Com início dia 17/6 e até 4/7 teremos os seguintes eventos: 17/6 - Passeio Cultural a Mafra, com visita guiada ao Museu Nacional da Música e à Aldeia Típica José Franco;

Dia 27/06 (de manhã) Inauguração da Exposição de Pintura e Banda Desenhada de António Martinez, Mercado de Paço de Arcos (patente até 4 de Ju-

lho);

27/06 (de tarde) 11º e 47º Aniversários da Associação Cultural e do Jornal “A Voz de Paço de Arcos” no Auditório José de Castro.

Nota n.b.: No decorrer da exposição de homenagem a António Martinez ocorrerão momentos musicais e de poesia.

TERTÚLIAS: Atenção aos Outros, em Oeiras

Acontece a 136.^a Tertúlia e 22.^a na Livraria-Galeria Municipal Verney, em 2026.05.14, 5.^a feira, 14h30: 9.^a sobre o Fado, com Daniel Gouveia: «MARIA TERESA DE NORONHA. Genealogia (era descendente de D. João VI), evolução da carreira e fados mais emblemáticos, em áudio e vídeo, desta intérprete, iniciadora da “dinastia” Câmara».

137.^a Tertúlia e 54.^a, também na Livraria Verney, em 2026.05.27, 4.^a feira, 14h30, Enfermeiras paraquedistas, com os coronéis paraquedistas Mário Pinto e Nuno Mira Vaz; enfermeiras paraquedistas Maria Arminda Santos, Aura Rico Teles, Giselda ..., Margarida Monteiro da Graça... (a confirmar)



Tel.: +351 216 072 206
Estrada da Cartuxa, 10 - 2760-022 Caxias
e-mail: geral@manloc.pt www.manloc.pt

Prato Principal Risoto de Limão

(4 pessoas – 40 minutos)

Ingredientes:

- 2 Limões (Sumo e Raspa)
- 50 gr de Manteiga
- 1 Cebola picada
- 250 gr de arroz
- 1 Caldo quente de galinha
- 1 Colher sopa de menta fresca, picada
- 0,5 dl de vinho branco ou caldo de galinha
- 100 gr de queijo parmesão ralado

Preparação:

Derreta a manteiga numa caçarola grande e junte o azeite e a cebola e deixe por 4 minutos. Junte o arroz e misture

Cozinhe por mais 2 minutos até o arroz já estar totalmente alourado

Regue, entretanto, com uma chávena de caldo de galinha e misture até que



todo o caldo tenha sido absorvido. Continue a repetir este procedimento por mais cerca de 25 ou 30 minutos, até o arroz abrir

Retire do lume e tempere. Junte a menta fresca, a casca de limão ralada e, o seu sumo e o vinho.

Adicione o resto de manteiga e 1/3 de queijo parmesão

Tape e deixe repousar por 5 minutos. Polvilhe com o queijo ralado

Obs: Para dar um toque pessoal pode adicionar, passas de uvas brancas ou miolo de noz cortado, em pedaços finos.

Sobremesa Quadrinhos de Fudge e avelãs

(para acompanhar o café)

Ingredientes:

- 400 gr. de chocolate de culinária (2 embalagens)
- 397 gr de leite condensado – 1 lata
- 300 ml café expresso
- 100 gr de avelãs torradas
- 2 colheres de cacau em pó

Preparação:

Derreta o chocolate num tacho, quando estiver brilhante, retire do lume e adicione o leite condensado, o café e

as avelãs picadas e envolva tudo muito bem

Coloque num tabuleiro forrado com papel vegetal e coloque no frio por uma hora. Retire do frio, corte em quadrados e polvilhe com cacau em pó.



Catulina Guerreiro



GRAÇA MORAIS

Uma Antologia

15 MAR a 16 AGO

PALÁCIO ANJOS, ALGÉS

APOIO:



CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA GRAÇA MORAIS

OEIRAS VALLEY
MUNICÍPIO OEIRAS

OEIRAS
CULTURA